UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
SETOR DE CIÊNCIAS EXATAS E NATURAIS
DEPARTAMENTO DE GEOCIÊNCIAS
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

ADRIANA APARECIDA DE ANDRADE

MÚSICA EM ESPAÇOS PÚBLICOS: PROJETO CULTURAL/ MUSICAL "SEXTA ÀS SEIS", PONTA GROSSA-PR.

PONTA GROSSA
2017

ADRIANA APARECIDA DE ANDRADE

MÚSICA EM ESPAÇOS PÚBLICOS: PROJETO CULTURAL/ MUSICAL "SEXTA ÀS SEIS", PONTA GROSSA-PR.

Trabalho de conclusão de curso apresentado para obtenção de título de Licenciado em Geografia, no curso de Licenciatura em Geografia na Universidade Estadual de Ponta Grossa, Setor de Ciências Exatas e Naturais, Departamento de Geociências.

Orientador: Prof. Dr. Leonel Brizolla Monastirsky

PONTA GROSSA
2017

DECLARAÇÃO DE COMPROMISSO ÉTICO

Eu, Adriana Aparecida de Andrade RA:14049302, RG: 10563742-0, asseguro que o Trabalho de Conclusão de Curso foi por mim elaborado e portanto, responsabilizo-me pelo texto escrito que apresenta os resultados de minha pesquisa científica.

Atesto que todo e qualquer texto, que não seja de minha autoria, transcrito em sua íntegra ou parafraseado de outros documentos, estejam eles publicados ou não, estão devidamente referenciados conforme reza a boa conduta ética, o respeito aos direitos autorais e à propriedade intelectual.

Tenho conhecimento de que os textos transcritos na íntegra de outras fontes devem apontar a autoria, o ano da obra, a página de onde foi extraído e ainda apresentar a marcação de tal transcrição, conforme as regras da ABNT. No caso de paráfrase, o trecho deve vir com a referência de autoria e ano da obra utilizada.

Além disso, declaro ter sido informado pelos responsáveis do Curso de Licenciatura em Geografia das leis que regulam os direitos autorais e das penalidades a serem aplicadas em caso de infração, conforme constam na Lei 10.695 de julho de 2003.

Sendo assim, declaro que estou ciente de que, caso infrinja as disposições que constam na Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998, serei responsabilizado juridicamente pelos meus atos e terei que arcar com qualquer prejuízo moral e financeiro deles decorrentes.

Ponta Grossa, ____ de _____ de 20____.

_____

Assinatura do Acadêmico

TERMO DE APROVAÇÃO

ADRIANA APARECIDA DE ANDRADE

MÚSICA EM ESPAÇOS PÚBLICOS: PROJETO CULTURAL/ MUSICAL “SEXTA ÀS SEIS”, PONTA GROSSA-PR.

Trabalho de conclusão de curso apresentado para obtenção de título de Licenciado em Geografia, no curso de Licenciatura em Geografia na Universidade Estadual de Ponta Grossa, Setor de Ciências Exatas e Naturas, Departamento de Geociências.

Prof. Dr. Leonel Brizolla Monastirsky - Orientador.
Doutor em Geografia
Universidade Federal de Santa Catarina

Profa. Dra. Georgeana Lanzini Vendrami
Doutora em Educação
Universidade Estadual de Ponta Grossa

Prof. Ms. Julio Cesar Botega do Carmo
Mestre em Geografia
Universidade Federal do Paraná

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço ao meu orientador Leonel Brizolla Monastirsky, que assim como eu, acredita no potencial social da música, por todo incentivo à pesquisa, por todo conhecimento compartilhado e por sua amizade.

Agradeço aos meus professores e professoras do curso de Geografia Licenciatura pelo conhecimento compartilhado durante esses quatro anos de graduação.

Agradeço a minha família, em especial a minha mãe, pelas noites de espera acordada até minha chegada em casa, por todo amor e confiança a mim dedicados.

Agradeço ao professor João Paulo Camargo que muito contribuiu em minha formação, por ser um exemplo de profissional da educação, por sempre acreditar e incentivar seus alunos que é possível fazer do mundo um lugar melhor, mais criativo e democrático.

Agradeço a grande amiga que conquistei durante a graduação, juntas nos decepcionamos, emocionamos, descabelamos, defendemos e acima de tudo, nos divertimos durante esses quatro anos. Gratidão Jaine por essa amizade tão boa.

Agradeço a Pedro F., uma pessoa que assim como eu faz da música uma forma de “ser” no mundo. Obrigada pelo companheirismo e por dar ritmo ao meu universo musical.

Agradeço também a dois grandes e importantes amigos; Leandro Lemos por sempre ouvir minhas ideias e apoiá-las, agradeço pela sua amizade, compreensão e paciência. Carlos, por todo companheirismo, auxilio nas pesquisas, por compartilhar comigo suas músicas e filmes favoritos, é um amigo querido.

Agradeço aos meus colegas de turma; em especial a Elaine, Adriano, Janaíne e Dilmara, pelos debates, pelas discussões e risadas durante as saídas de campo e nas noites durante os quatro anos que passamos na UEPG.

Agradeço aos amigos do laboratório de Geografia Humana, Simone, Ana Claudia, Amanda, Bruna, Leandro e ao professor Almir Nabozny pela vivência, ensinamentos e partilha de saberes.

Agradeço aos amigos que fiz durante a graduação por todo companheirismo, Maryane, Thais, Hallison, Jessica, Camila e Junior.

Agradeço especialmente a todos os envolvidos no “Sexta às Seis”; músicos, público participante e membros da Fundação Municipal de Cultura de Ponta Grossa, obrigado por fazerem do “Sexta às Seis” um projeto musical tão especial, e fazerem das minhas sextas-feiras fim de tardes mais divertidas e repletas de música boa e de qualidade. Gratidão! Sem vocês com certeza essa pesquisa não se efetivaria.

Há música na vida cotidiana, até mesmo em lugares onde não é explícita. Há música nas ondas que se quebram na praia, nas gaivotas que gritam por cima do estrondo. O oxigênio alimenta nossas células por meio do sangue bombeado pelo nosso próprio relógio cardíaco que marca nossos ritmos como um metrônomo. O vento conduz, ao soprar, um conjunto de percussão formado por folhas, árvores balançando e galhos quebrando. As estrelas traçam padrões no céu noturno, de forma tão complexa e interdependente quanto as harmonias da quinta sinfonia de Mahler.

(LEVITIN, D. Em busca da mente musical. 2006, p.43).

RESUMO

A presente pesquisa teve como objetivo geral analisar o projeto cultural de música “Sexta às Seis” que ocorre em espaços públicos da cidade de Ponta Grossa (PR) considerando os seus aspectos culturais, sociais e usos do espaço público. Neste contexto buscou se averiguar as ações do poder público local em relação a organização e realização do Projeto, identificar a importância do Projeto “Sexta às Seis” para os músicos locais participantes e para o público participante, assim como, identificar os usos do espaço público durante os eventos. A pesquisa caracteriza-se como qualitativa, utilizando-se de entrevistas semiestruturadas com auxílio de tópico guia e ponto de saturação e também questionários. Identifica-se o projeto “Sexta às Seis” como um projeto cultural musical importante na história da cidade pois sempre se utilizou de espaços públicos abertos e gratuitos por mais de vinte e sete anos. O Projeto possibilita a participação de vários segmentos sociais, gêneros, etnias e gostos musicais, possibilita que artistas locais tenham a oportunidade de mostrar o seu trabalho e é importante por incentivar a utilização e valorização dos espaços públicos através de atividades culturais.

Palavras chave: Espaço público, projeto cultural, música, “Sexta às Seis”.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - Localização do Projeto Cultural “Sexta às Seis”, Ponta Grossa-Pr..... 28
FIGURA 2 - Matéria do Jornal Diário dos Campos do dia 20 de março de 2005 41
FIGURA 3 - Localização do Complexo Ambiental Governador Manoel Ribas, Ponta Grossa-Pr..... 51
FIGURA 4 - Cronograma da ordem de apresentações das bandas e grupos musicais no “Sexta às Seis” no ano de 2017 99

LISTA DE FOTOGRAFIAS

FOTOGRAFIA 1 - Apresentação Machadinho e Grupo Raízes (6/4/1990)..... 29
FOTOGRAFIA 2 - Mustache e os apaches no terminal de oficinas..... 34
FOTOGRAFIA 3 - Mais de 1000 pessoas na apresentação das bandas *Format Factory* e *Maiden Rules*..... 39
FOTOGRAFIA 4 - Pessoas apreciando os shows sentadas na grama no dia 30 de junho de 2017..... 46
FOTOGRAFIA 5 - Apresentação de malabares durante o evento do “Sexta às Seis”..... 54

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - Cronograma de ordem de apresentação das bandas/grupos musicais em 2017..... 97

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO..... 10
1. ESPAÇO PÚBLICO, MÚSICA E GEOGRAFIA..... 16
1.1 ESPAÇOS PÚBLICOS: SUA ADMINISTRAÇÃO E OCUPAÇÃO..... 16
1.2 GEOGRAFIA, CULTURA E MÚSICA..... 20
2. O PROJETO CULTURAL "SEXTA À SEIS" E SUA RELAÇÃO COM O PODER PÚBLICO E OS MÚSICOS..... 27
2.1 "SEXTA ÀS SEIS": SUA HISTÓRIA, ORGANIZAÇÃO E ESSÊNCIA. 27
2.2 O CENÁRIO MUSICAL DE PONTA GROSSA E A PARTICIPAÇÃO DO "SEXTA ÀS SEIS"..... 32
2.3 VARIEDADE MUSICAL DO "SEXTA ÀS SEIS"..... 36
2.4 A UTILIZAÇÃO DE ESPAÇOS PÚBLICOS PELO PROJETO "SEXTA ÀS SEIS" NA PERSPECTIVA DOS MÚSICOS..... 38
2.5 AS MEMÓRIAS E EXPERIÊNCIAS DO "SEXTA ÀS SEIS" RELEMBRADAS PELOS MÚSICOS..... 40
2.6 A MÚSICA NA PERSPECTIVA DOS MÚSICOS DO "SEXTA ÀS SEIS"..... 42
3. O PROJETO CULTURAL "SEXTA ÀS SEIS" E SUA RELAÇÃO COM O PÚBLICO PARTICIPANTE E OS USOS DO ESPAÇO PÚBLICO..... 44
3.1 PERFIL DO PÚBLICO PARTICIPANTE DO "SEXTA ÀS SEIS"..... 44
3.2 O "SEXTA ÀS SEIS" NA PERSPECTIVA DO PÚBLICO PARTICIPANTE (ESTRUTURA, ESPAÇO FÍSICO, ORGANIZAÇÃO, ETC)..... 45
3.2.1 Diversidade cultural do "Sexta às Seis"..... 47
3.2.2 As perspectivas do público participante em relação ao uso dos espaços públicos por eventos culturais..... 48
3.2.3 Memórias e lembranças do público participante em relação ao projeto..... 49
3.3 DESCRIÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO COMPLEXO AMBIENTAL GOVERNADOR MANOEL RIBAS..... 50
3.4 OS USOS DO ESPAÇO PÚBLICO PELOS ENVOLVIDOS NO "SEXTA ÀS SEIS"..... 52
CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 56
REFERÊNCIAS..... 59
APÊNDICE A- ENTREVISTAS..... 62
ANEXOS..... 98

INTRODUÇÃO

São dezessete e quarenta e cinco de uma sexta-feira na cidade de Ponta Grossa. O sol já está se pondo atrás dos prédios da Rua Benjamin Constant. As pessoas se cruzam pelas ruas apressadas, deixando seus locais de trabalho e de estudos, animadas pela chegada do final de semana.

Muitas pessoas começam a surgir de todos os lados no Complexo Ambiental Governador Manoel Ribas, umas aparecem da direção do Terminal Central, outras do Bairro Oficinas. Há também aquelas pessoas que já estavam ali há algumas horas, umas descansam em toalhas estendidas na grama, outras apenas esperam sentadas nos bancos.

Há a presença de jovens, adolescentes e pessoas mais velhas, homens e mulheres, em grande maioria vestindo camisetas de variadas bandas de *rock*. Algumas crianças aparecem acompanhadas de seus pais, algumas também com camisetas pretas.

Nesse horário, o palco do Complexo Ambiental já está montado, os músicos encontram-se nos momentos finais da preparação para iniciar o show e o público entre conversas, risadas e agitação, ansiosos, espalham-se para melhor ouvir e curtir as apresentações. O representante da Fundação Municipal de Cultura de Ponta Grossa sobe ao palco: “Sejam todos bem-vindos à mais uma edição do Sexta às Seis”.

O que foi descrito acima faz parte de um fenômeno que é composto por um conjunto de elementos físicos, agentes sociais e culturais decorrentes de um evento cultural de música que ocorre na cidade de Ponta Grossa (Pr), o “Sexta às Seis”.

A escolha dessa temática se dá em razão dos laços fortes que mantenho com a música, em especial o *rock and roll* e suas variadas vertentes e, consequentemente, por ser frequentadora assídua do “Sexta às Seis”. Optei por escolher esse projeto cultural/musical que ocorre no Complexo Ambiental Gov. Manoel Ribas, como objeto de estudo e analisá-lo como pesquisadora da Ciência Geográfica.

Após observações preliminares diretas no local de estudo, notei que uma quantidade significativa de indivíduos de várias idades e características diversas, se reúnem no ‘Parque Ambiental’ no centro da cidade de Ponta Grossa, compartilham experiências, encontram os amigos, conhecem pessoas novas e utilizam o espaço público de diversas maneiras por um “interesse coletivo”; a música.

O Projeto Cultural “Sexta às Seis”, que visa incentivo à música e aos grupos locais, teve início em 1989 e é uma iniciativa da Prefeitura Municipal de Ponta Grossa, por meio da Fundação Municipal de Cultura. As bandas e grupos musicais selecionados têm a oportunidade de apresentar ao público músicas de autoria própria e/ou *covers* em *shows* que duram aproximadamente uma hora.

Atualmente o local escolhido pela Fundação Municipal de Cultura para realização do projeto é um palco montado, todas as sextas-feiras, em frente à pista de *skate*, localizada próxima ao terminal central, no espaço do Parque Ambiental da cidade de Ponta Grossa.

O fato desse projeto existir há tantos anos e fazer parte da história e da cultura de Ponta Grossa, justifica a organização de uma pesquisa para melhor entendê-lo.

Partiu-se do pressuposto de que esse projeto cultural de música, promove um tipo particular de experiência pública e urbana e apresenta, nesses eventos, nuances culturais e sociais.

Sendo assim, a pesquisa teve como objetivo principal analisar o projeto cultural de música “Sexta às Seis” da cidade de Ponta Grossa (PR) – considerando seus aspectos culturais, sociais e os usos do espaço público. E teve como objetivos específicos: averiguar as ações do poder público local em relação à organização e realização do Projeto “Sexta às Seis”; identificar a importância do Projeto “Sexta às Seis” para os músicos locais participantes; entender a importância do Projeto “Sexta às Seis” para o público participante e analisar os usos do espaço público através do evento cultural de música “Sexta às Seis”.

No primeiro capítulo são apresentados os principais conceitos que fundamentam essa pesquisa. Para o aprofundamento teórico sobre espaços públicos, seus usos e apropriação, buscou-se apoio nos autores Correa (2006), Gomes (2002), Sobarzo (2006), Schoenherr (2015) e Marques (2010). Para discutir a relação entre Geografia e Música buscou-se apoio em Torres (2009), Panitz (2010), Kong (2009), Carney (2007) e Vendrami (2010). Para abordar as suas diversas formas do indivíduo se relacionar com essa categoria de espaço, os autores utilizados foram Tuan (1980 e 1983), Santos (1997), Sennet (1988) e Lefebvre (2001).

No segundo capítulo, apresenta-se o histórico, a visão do poder público local e a importância do projeto para os músicos participantes. Para a coleta de dados referente ao histórico do projeto, da ideia de criação, número de músicos que já passaram pelo palco, mudanças de editais, escolha do local de ocorrência do evento,

foi necessário fazer a entrevista semiestruturada previamente agendada com representantes da Fundação Municipal de Cultura que estão diretamente ligados ao “Sexta às Seis”.

Na entrevista com os organizadores, fez-se necessário o auxílio do tópico guia. O tópico guia é parte vital do processo de pesquisa e necessita atenção detalhada. Ele é planejado para dar conta dos fins e objetivos da pesquisa, não é uma série extensa de perguntas, mas sim um conjunto de títulos de parágrafos, que funcionam como lembretes, como um esquema preliminar. (BAUER e GASKELL, 2003, p.66-67). (Apêndice A2).

Para saber sobre a importância do projeto para os músicos, primeiramente foram identificados os principais envolvidos diretamente com o projeto “Sexta às Seis”. Para isso, foi necessário fazer um levantamento das bandas e grupos musicais que subiram ao palco do “Sexta às Seis” no ano de 2017. De acordo com o Edital 002/2017[1] de seleção, quarenta bandas/grupos musicais foram selecionadas, desse número, foram selecionados para a pesquisa, quinze músicos de acordo com a ordem de apresentação de shows.

Como esta é uma pesquisa qualitativa e não depende necessariamente de números para validar o resultado, assim, o número referente à escolha dos músicos foi determinado pela ordem de apresentação[2] das bandas e grupos musicais no ano de 2017, organizado pela Fundação Municipal de Cultura. (Anexo 1).

O cronograma apresentado no anexo 1, durante o ano de 2017 não foi seguido rigorosamente, variados foram os motivos que fizeram o mesmo ser modificado, como: dias de chuva, datas comemorativas/feriados, utilização do espaço por outro evento da cidade etc. Sendo assim, viu-se necessária a elaboração de um novo cronograma. A tabela 1 (Apêndice A7) mostra a ordem correta das apresentações durante o ano de 2017.

O Projeto Cultural “Sexta às Seis” possui uma página oficial na rede social *facebook*[3], onde são informadas as datas de apresentação das bandas ou quando o evento é cancelado por diversos motivos, página essa que foi acompanhada

---

[1] Disponível em: http://culturapg.com.br/editais/?p=3948

[2] Cronograma elaborado durante o sorteio com membros representantes das bandas/grupos musicais juntamente com a Fundação Municipal de Cultura.

[3] Disponível em: https://www.facebook.com/sextaasseispg/?hc_ref=ARTqwNaCTZMTWr0iHKgbVQyNCanyq9qd7iQbdEfv5faInit1aLXb3Jv8WisY1OG6O4g&fref=nf

diariamente durante o andamento dessa pesquisa.

É sabido que nos dias atuais, a rede social f*acebook* é um dos mais utilizados meios onde se podem divulgar trabalhos de variadas naturezas, como é o caso das bandas que tocam no projeto, que possuem páginas oficiais. Utilizou-se desse meio de comunicação em favor da pesquisa para conseguir o contato inicial com os músicos e verificar se estariam dispostos a colaborar com a pesquisa através de uma entrevista após o show.

Dessa forma, foi enviada uma mensagem de apresentação na qual se esclarecia o motivo do contato, por tratar-se de uma pesquisa de trabalho de conclusão de curso, na qual o objeto de estudo é o “Sexta às Seis”, e verificava-se qual integrante da banda/grupo musical poderia disponibilizar um tempo para a entrevista.

Para obtenção dos dados referentes aos músicos, optou-se por uma entrevista estruturada. De acordo com Lakatos e Marconi (2003, p.197) a

> Entrevista estruturada é aquela em que o entrevistador segue um roteiro previamente estabelecido; as perguntas feitas ao indivíduo são predeterminadas. Ela se realiza de acordo com um formulário elaborado e é efetuada de preferência com pessoas selecionadas de acordo com um plano.

Dessa forma, a entrevista teve uma relação de doze perguntas abertas e uma pergunta fechada. (Apêndice A4).

No terceiro capítulo, é apresentado a relação do público participante com o projeto e como se dá o uso do espaço público por esses indivíduos durante os eventos. Para coleta de dados referente ao público que participa dos eventos do “Sexta às Seis”, optou-se pela elaboração de um questionário com perguntas abertas e fechadas.

De acordo com Lakatos e Marconi (2003),

> Questionário é um instrumento de coleta de dados, constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador. Em geral, o pesquisador envia o questionário ao informante, pelo correio ou por um portador; depois de preenchido, o pesquisado devolve-o do mesmo modo. (LAKATOS e MARCONI,2003, p.201).

O questionário foi elaborado através de uma ferramenta disponível através da

conta de e-mail *Google*, o conhecido *Drive*[4] que permite a criação de questionários *online*. Esse questionário foi disponibilizado através do grupo[5] oficial do “Sexta às Seis”, grupo este que foi criado pelo público participante com o intuito de disponibilizar informações referentes ao projeto, não envolvendo assim, os responsáveis pela organização, membros da Fundação Municipal de Cultura.

Tomou-se essa decisão por compreender que o questionário permite ser respondido por escrito, sem a presença do entrevistador e possibilita atingir maior número de pessoas, mesmo que estejam dispersas numa área geográfica muito extensa. (LAKATOS E MARCONI, 2003; GIL, 2008).

O questionário ficou aberto às respostas do dia 06 de junho à 31 de agosto de 2017. Como o projeto ocorre em um espaço público aberto da cidade, não se sabe exatamente o número de participantes que comparecem ou já compareceram ao evento, assim, ficou aberto para as pessoas que tinham interesse em colaborar com a pesquisa.

Para alcançar um dos objetivos específicos, que é analisar os usos do espaço público pelos atores sociais do “Sexta às Seis” através do evento, optou-se por utilizar a técnica da ‘observação participante’.

De acordo com Lakatos e Marconi (2003, p.194) na observação participante o pesquisador participa da realidade do grupo ou comunidade estudada, incorpora-se e confunde-se com os mesmos e participa de todas as atividades.

No caso dessa pesquisa, essa observação ocorreu de forma natural, misturando-se com o público participante. Esse tipo de observação possui vantagens e desvantagens, segundo Gil (2008): tem como vantagens a facilidade de acesso a dados sobre situações habituais em que os observados se encontram envolvidos, possibilita o acesso a dados que esses indivíduos consideram de domínio privado e possibilita captar as palavras de esclarecimento que acompanham o comportamento dos observados.

Em contrapartida, assinala como desvantagens o fato do observador poder enfrentar dificuldades para manter a objetividade, pois pelo fato de estar presente na realidade do observado, acaba exercendo influência no grupo e, também, pode ser

---

[4] Serviço de armazenamento em servidores externos conectados através da internet (nuvem). Disponibiliza entre outras aplicações, a criação de formulários on-line, que possibilitam a coleta e gravação de informações através da conta de e-mail do *Google.*

[5] Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/1527550477466251/>

influenciado por antipatias ou simpatias pessoais. (LAKATOS E MARCONI ,2003).

Optou-se por esse tipo de abordagem por compreender que o indivíduo quando é entrevistado ou responde um questionário pode omitir detalhes importantes, pois, pode parecer que algumas coisas lhe pareçam apenas algo dado, aceito sem discussão, outras coisas podem ser difíceis de serem ditas com palavras, ou o entrevistado pensa ser descortês ou que mostraria falta de sensibilidade, esse indivíduo pode ver a realidade através de “lentes distorcidas”, fornecendo uma visão enganosa, difícil de ser verificada. (BAUER E GASKELL, 2003, p.72)

Na análise das entrevistas e das respostas dos questionários, se utilizou da saturação (BAUER E GASKELL, 2003), pois, há um número limitado de versões da realidade, as experiências são resultado de processos sociais, isso é notável em uma série de entrevistas, as primeiras são cheias de surpresa, contudo, temas e respostas comuns começam a aparecer progressivamente.

CAPÍTULO I

1. ESPAÇO PÚBLICO, MÚSICA E GEOGRAFIA

Quando se imagina um evento cultural de música em um espaço público urbano, as imagens que surgem são de pessoas de várias idades balançando seus corpos ao ritmo da música. O som dos risos, das conversas e dos vários instrumentos musicais se misturam com o som dos automóveis que trafegam pelas proximidades, fazendo com que haja ali uma harmonia entre indivíduos, música e espaço físico.

Porquanto, o estudo da música em espaços públicos requer a utilização de conceitos próprios das ciências sociais, e neste caso, com a participação da Geografia: espaço público, o poder público e o seu papel na administração desses espaços. Uma vez que a pesquisa trata de um evento cultural, consequentemente serão discutidas as relações entre cultura e cidade, música e geografia, as manifestações culturais e as experiências vividas em espaços públicos.

1. 1 ESPAÇOS PÚBLICOS: SUA ADMINISTRAÇÃO E OCUPAÇÃO

O debate sobre espaço público gira em torno de diferentes áreas do conhecimento como a geografia, artes, filosofia, história, ciências políticas, urbanismo, comunicação social, arquitetura, sociologia etc. Entende-se que para um espaço ser considerado público não deve haver restrições em relação a sua acessibilidade. Há, portanto, o direito ao uso do espaço público, o qual deve ser organizado pelo Poder Público para o cidadão - o direito à cidade (LEFEBVRE, 2001).

De acordo com SCHOENHERR (2015, p.17), que estuda a relação entre a música e a vida pública na cidade de Ponta Grossa, “um espaço público de qualidade é direito elementar à própria cidade”. Nele se desenvolvem relações significativas entre o indivíduo e a cidade, já que com o uso do espaço público, se pode produzir aprendizado com o uso do espaço público, acesso à cultura, aventura individual ou coletiva, pertencimento e identificação com o local que se reside ou que se transita.

No espaço público, há um desenrolar da cena pública, que é composta por múltiplas manifestações: discursos, gestos, atividades, imagens, comportamentos, falas, itinerários, percursos e paradas, elementos “igualmente significativos, demonstrando uma escolha, uma forma de particularizar e valorizar diferencialmente esse espaço. Em suma, essas manifestações são formas de ser no espaço”. (GOMES

2002, pp.164-165).

Gomes (2002) afirma que

> [...]um olhar geográfico sobre o espaço público deve considerar, por um lado, sua configuração física e, por outro, o tipo de prática e dinâmicas sociais que aí se desenvolvem. Ele passa então a ser visto como um conjunto indissociável das formas com as práticas sociais. É justamente sob esse ângulo que a noção de espaço público pode vir a se constituir em uma categoria de análise geográfica. (GOMES, 2002. p.172).

Levando em consideração que o objeto de estudo dessa pesquisa, o “Sexta às Seis”, sempre ocorreu em espaços públicos, essa categoria de espaço pode ser compreendida pela visão de Sobarzo (2006), como possibilitador das relações sociais, pois, possibilita o encontro de pessoas desconhecidas que mesmo quando possuem ideias, gostos e ideologias diferentes, isso não se torna impedimento de uma boa relação social. Como ele afirma

> Nesse sentido, a possibilidade de encontros “civilizados” pode ser entendida como a capacidade social, no espaço público, de se propiciar a reunião entre as diferenças, permitir a mútua observação, o diálogo e a co-presença, sem significar, embora muitas vezes tenha acontecido, a manifestação dos conflitos e interesses antagônicos. (SOBARZO, 2006, p. 94).

Essa possibilidade de encontros de uma maneira civilizada que o espaço público possibilita é afirmada também por Gomes (2002), que fala que o que constrói o espaço público é a obediência às leis e também aos seus limites, de modo que, muitas vezes, o indivíduo frequentador desse espaço prefere ficar entre os seus semelhantes ou mais próximos e também prefere lugares com características específicas que não fujam do seu padrão ou gosto.

É relevante pensar que o espaço público urbano é um dos principais elementos que fazem e que dão vida à cidade, que este espaço está sempre se renovando através da utilização plural e diversificada por indivíduos e atores sociais, muitas vezes desconhecidos, que se reúnem por um fator em comum, no caso desta pesquisa: a música.

Quando se propõe a compreensão do espaço público não se pode deixar de lado o fato do poder público local ter um papel relevante tanto na criação desses espaços como na sua manutenção.

Para Sobarzo (2006) “a ação do poder municipal mostra uma mistura de interesses públicos e privados”. Segundo ele essa relação entre poder público municipal e espaço urbano pode ser analisada sob duas perspectivas, a primeira se

refere ao poder no espaço, que é o exercício para o controle do espaço, havendo a modificação e definição das normativas legais de uso e ocupação do solo, assim como a implementação de infraestrutura, serviços e também investimentos. A segunda perspectiva é do poder do espaço. Para esse autor, “o espaço produzido nas suas desigualdades e contradições, possui a capacidade de facilitar ou dificultar o processo de dominação política”. (SOBARZO, 2006, p.97).

A relação do espaço público com o poder público local é direta, “já que este exerce o seu domínio – do ponto de vista legal –, constituindo-se, por excelência, no espaço da intervenção do poder público” (SOBARZO 2006, p.98). Do mesmo modo, o espaço público reflete as tensões do processo de produção do espaço urbano, bem como reflete os múltiplos conflitos de interesses que, geralmente, se resumem como conflitos público-privado e também conflitos em detrimento de privilégios a uma minoria. (LEFÈBVRE, 2001).

Percebe-se que em diferentes administrações municipais, os prefeitos procuram deixar suas marcas no espaço público através de inaugurações e reinaugurações de praças, parques e calçadas, criando eventos e feiras culturais, dando a impressão que essas atitudes são preocupações e capacidades especiais e não de fato cabíveis e próprias da administração municipal. (SOBARZO, 2006). O “Sexta às Seis” existe há mais de vinte e sete anos na cidade de Ponta Grossa, passando por diferentes gestões. É interessante analisar o que faz com que os prefeitos mantenham esse projeto ativo até os dias atuais.

Além disso, quando há preocupação com o espaço público pelo poder municipal, evita-se que haja o abandono, que esse espaço se converta em terra de ninguém, não havendo regras de usos, e assim perdendo suas características fundamentais, a de terreno de convivência, associação social e encontro entre diferentes (GOMES 2002). Possivelmente, quando há esse abandono, a cidade perde um pouco de sua vitalidade e pluralidade cultural.

Dessa forma, quando os espaços públicos são mantidos pelo poder público municipal, com boa estrutura, limpeza e iluminação, esses espaços passam a ser vistos pela população como locais de lazer e de convivência. É necessário citar nessa pesquisa a importância de políticas públicas de lazer promovidas. Essas políticas devem assegurar a todos o direito social ao lazer, pois para muitas pessoas o lazer pode ser compreendido como momentos de ócio, meditação, contato com a natureza, com a cultura, esporte, saúde, entre outras formas.

Nas muitas pesquisas relacionadas ao lazer, esse conceito é muito amplo o que geraria um extenso debate. Sendo assim, aqui se optou por trazer o conceito de Dumazedier (1980), que é um dos pioneiros no estudo:

> [...]um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se, ou ainda para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais. (DUMAZEDIER 1980, p. 19, *apud* CASTRO, 2015, p.142).

Pode-se pensar então que o lazer é uma atividade social que propicia a apropriação de espaços públicos, da mesma forma que muitas vezes os mesmos tornam-se os principais espaços de lazer para muitas pessoas que não possuem acesso a espaços privados destinados para tal. Sendo assim, a oportunidade de desfrutar de momentos de lazer as sextas-feiras a partir das 18:00 horas, foi e ainda é um dos principais motivos para a criação e continuação do Projeto “Sexta às Seis” pelo poder público municipal?

Para discutir sobre a apropriação de espaços públicos pode-se novamente citar Sobarzo (2006). Para ele, a apropriação se dá pelo uso, por relações que se dão pela horizontalidade[6], que as pessoas constroem e são construídas, modificam e são modificadas, encontram e dão sentidos ao e no espaço público no seu dia a dia. Para esse autor é no plano do vivido, da apropriação cotidiana que o espaço se abre a possibilidades. Essa apropriação de espaços pode ocorrer em diferentes escalas, de um simples banco de uma praça até uma avenida[7], permitindo a esse indivíduo uma leitura do outro e também daquilo que é diferente. Essa apropriação pode levar ao sentimento de pertencimento e reconhecimento e adiante talvez, a uma mobilização social com a potencialidade de transformação da realidade. Para Sobarzo (2006), a apropriação cotidiana dos espaços públicos pode ser considerada como “um primeiro estágio da articulação escalar com vistas à geração de processos de transformação e mudança social na escala da cidade” (SOBARZO, 2006, p.108).

---

[6] Termo utilizado por Milton Santos em seu livro A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção (1997, p. 227) “As horizontalidades são tanto o lugar da finalidade imposta de fora, de longe e de cima, quanto o da contrafinalidade, localmente gerada. Elas são o teatro de um cotidiano conforme, mas não obrigatoriamente conformista, e, simultaneamente, o lugar da cegueira e da descoberta, da complacência e da revolta”.

[7] Casos como manifestações sociais, passeatas e protestos.

Carlos Roberto Loboda (2008, p. 62), que pesquisou as práticas socioespaciais e os espaços públicos na cidade de Guarapuava (PR), aponta que a "apropriação está associada com a constituição do lugar por meio de práticas que envolvem a apropriação do tempo, por meio do corpo e dos desejos", situações de uso do espaço e do tempo do indivíduo, situações essas que são notáveis no dia-a-dia.

Esse mesmo autor cita Carlos (2004), que fala que

> É na análise dessa vida cotidiana que as práticas socioespaciais se desenrolam esclarecendo o vivido na medida em que a sociedade produz o espaço, apropriando-se do mesmo para fins diversos da própria vida urbana". (CARLOS, 2004 apud LOBODA, 2008, pp. 63-64).

É por meio da utilização dos espaços públicos que se obtém os aspectos marcantes da vida, ou parte dela, são esses espaços que carregam os sentidos da história das cidades e a expressão da diversidade de comportamentos, estilos e modos de vida, são "lugares de interação sócio espacial". (LOBODA, 2008, p.64).

Como o próprio nome já explica, o "Sexta às Seis" ocorre em um espaço público apenas nas sextas-feiras a partir das dezoito horas, entretanto, nota-se que há uma apropriação do espaço público mesmo que de forma efêmera, pois, durante o evento, aquele espaço fica movimentado e barulhento pelo grande número de indivíduos que ali se encontram. Essas pessoas se relacionam com o espaço físico urbano e com elas mesmas, entre iguais ou diferentes[8], o que pode ocasionar um acúmulo de experiências individuais e coletivas e também uma coleção de memórias e lembranças em relação àquele espaço e também ao evento, esse convívio social e encontro da diversidade cultural são características que terão destaque nessa pesquisa.

1.2 GEOGRAFIA, CULTURA E MÚSICA

Durante a pesquisa busca-se entender como os indivíduos envolvidos no "Sexta às Seis" se sentem em relação a toda estrutura desse evento, se possuem laços emocionais com o local, se possuem memórias de experiências vividas durante o evento e se esse evento propicia uma experiência pública urbana única ou diferenciada.

---

[8] Não se trata de características físicas ou socioeconômicas, mas sim de gostos ou preferências por esse ou aquele estilo musical.

Quando propomos compreender a experiência individual e coletiva, podemos citar a obra Espaço e Lugar de Yi Fu Tuan (1983). Essa obra propõe levar em consideração a experiência do indivíduo em relação ao espaço e lugar.

> A experiência pode ser direta e intima, ou pode ser indireta e conceitual, mediada por símbolos. [...] uma pessoa pode conhecer um lugar tanto de modo intimo como conceitual. Na literatura sobre qualidade ambiental, relativamente poucas obras tentam compreender o que as pessoas sentem sobre espaço e lugar, considerar as diferentes maneiras de experienciar (sensório-motora, tátil, visual, conceitual) e interpretar espaço e lugar como imagens de sentimentos complexos-muitas vezes ambivalentes". (TUAN,1983, p.6-7).

Segundo Tuan (1983) o termo experiência abrange diferentes maneiras com que uma pessoa conhece e constrói a realidade, elas variam desde os sentidos diretos (olfato, paladar e tato) até a percepção ativa e a maneira indireta de simbolização. A experiência é voltada para o mundo exterior, é constituída de sentimento e pensamento, essas emoções dão colorido à experiência humana e implicam na capacidade de aprender a partir da própria vivência, pois, segundo ele, experienciar é aprender.

Nessa obra, Tuan (1983) faz uma crítica aos geógrafos daquela época, mas podemos levar essa crítica em consideração também nos dias atuais.

> Aquilo que não conseguimos expressar em uma linguagem científica aceitável, tendemos a negar ou esquecer. Um geógrafo fala como se seu conhecimento sobre espaço e lugar fosse obtido exclusivamente de livros, mapas, fotografias aéreas e levantamentos de campo. Ele escreve como se as pessoas tivessem apenas mente e visão e nenhum outro sentido com o qual apreender o mundo e nele achar significado. O geógrafo e o arquiteto-planejador tendem a aceitar como familiar o fato de que estamos orientados no espaço e nos sentimos à vontade em um lugar- em vez de descrever e tentar compreender o que realmente significa "estar no mundo". (TUAN, 1983, p.222).

Ele explica também porque muitas vezes as experiências são deixadas de lado em pesquisas científicas

> As experiências são negligenciadas ou ignoradas porque faltam os meios para articulá-las ou destacá-las. A falta não se deve a nenhuma deficiência inerente à linguagem. Se algo é suficientemente importante para nós, geralmente encontramos os meios para torná-lo visível. (TUAN,1983, p.223).

Segundo esse autor, nossa dependência visual para organização espacial é sem igual, os outros sentidos, enriquecem o espaço visual, o papel do som é aumentar nossa consciência incluindo a percepção de áreas que não são vistas, mas sim

ouvidas. Para o autor, o mais importante no som é que ele dramatiza a experiência espacial. É quase impossível pensar em uma cidade silenciosa, sem o som dos carros, dos risos das pessoas, dos gritos dos vendedores ambulantes; mais inimaginável ainda é pensar em uma cidade sem a música para dar ritmo à vida urbana.

Complementando, Torres (2009) que estudou a paisagem sonora da Ilha dos Valadares, disserta sobre os autores que através da abordagem humanista/cultural falam sobre a importância de estudar e compreender as experiências dos indivíduos

> Os trabalhos de David Lowenthal, na década de 1960, [...] trouxeram o sentido da valorização da experiência vivida e da imaginação na atividade e no pensamento geográfico, na busca da compreensão do mundo através do comportamento humano. Segundo ele, "todos os tipos de experiências, desde os mais estreitamente ligados com o nosso mundo diário até aqueles que parecem remotamente distanciados, vêm juntos compor o nosso quadro individual da realidade" (LOWENTHAL, 1982, p. 141, apud TORRES, 2009, pp. 25-26)

Sobre a importância de se analisar um lugar específico através das experiências dos indivíduos, esse autor ressalta

> [...] a atenção deve estar voltada a cada indivíduo, ao grupo e aos que os une, e a cada detalhe da paisagem. Nos indivíduos repousam diferentes olhares e diferentes representações acerca do lugar. Seus olhares estão baseados em suas experiências e vivências, armazenadas e (re) significadas em suas memórias. (TORRES, 2009, p.28)

Por se tratar de um projeto cultural de música que faz parte da história de Ponta Grossa e que existe desde 1989 e considerando o número de indivíduos que comparecem ao local, faz-se necessário escutá-los e tentar compreender as suas relações com o evento, com o espaço, com o fim de compartilhar as suas experiências, sentimentos e sensações com a comunidade científica e, posteriormente, para a disseminação dessas informações com a população.

O interesse em pesquisar um evento cultural essencialmente musical surge por entender que em todas as sociedades a música está presente, como afirma Kong (1995). A música faz parte da vida do ser humano, está presente nos momentos individuais de lazer, meditação, emoção; está presente no cinema; está presente na religião, com os cânticos de louvor e adoração; está presente nos diversos tipos de comemorações, desde um aniversário como em grandes eventos esportivos, está presente no comércio, sendo utilizada em comerciais de produtos, é usada como som de fundo para o ambiente ficar mais agradável etc.

Está presente também em espaços públicos da cidade, terminais de

transportes e nas ruas onde é possível notar não apenas a música, mas a mistura de vários sons: o som do vendedor informal, o som dos artistas de rua, o som das propagandas de produtos e serviços, o som das inúmeras conversas das pessoas que passam por ali, os sons que vêm de carros e de aparelhos portáteis, que as pessoas, cada vez mais, utilizam nas ruas quando se locomovem, se exercitam.

Por isso, acredita-se que a Música e a Geografia podem, de forma dialética, constituir diálogos sobre práticas e experiências sociais e culturais vividas no espaço público urbano.

Vendrami (2010), que estudou o Conservatório de Música de Ponta Grossa, compreende, com a participação de Chaui (2006), a música não apenas como técnica, mas também como produto social:

> A música enquanto matéria e manifestação artística é passível de ser pesquisada sob uma ampla esfera de análises, [...] como um processo dialético da sociedade e das relações sociais, ou seja, a música e a prática musical como um produto da sociedade e ao mesmo tempo como um agente influenciador, referencial dessa sociedade para ela mesma. (VENDRAMI, 2010, p. 12).

Geógrafos culturais investigaram a música na perspectiva geográfica nos últimos anos: Nash (1968); Carney (1990) e (1994); Kong, (1995 a); Carney e Nash (1996); Leyshon, Matless e Revil (1998). Esses estudaram uma diversidade de fenômenos musicais como gêneros, estruturas, letras, centros e eventos, mídia, indústria da música etc, e em diferentes escalas. (CARNEY, 2003).

Segundo Carney (2003, p.136) “a música é uma das características que contribuem para o desenvolvimento de uma região e frequentemente é utilizada como um instrumento promocional para as regiões”, como se podem observar os eventos musicais específicos de algumas cidades, como é o caso do “Rock in Rio” no Rio de Janeiro, o “Lollapalooza” que ocorre em seis cidades diferentes do mundo - uma delas é São Paulo - e o Festival Internacional de Música da cidade de Londrina, todos esses eventos musicais contribuem para o desenvolvimento dessas cidades, seja culturalmente e economicamente.

Para Carney (2003, p.146-147), “a música ajuda a criar uma ligação emotiva humana a um lugar particular, seja ele o lar, a vizinhança, a cidade, o estado, a região ou a nação”, certamente, pode-se citar também o espaço público. Isso acontece porque através da letra de uma música podem-se identificar certos locais e relembrá-los mesmo estando distante, através do ritmo pode-se identificar a alegria, a

melancolia ou até mesmo a tristeza sentida durante a criação da música, e através de um álbum musical buscar memórias. Tudo isso pode ser proporcionado pela música e irá depender da audição, percepção e emoção da pessoa que a escuta.

Pode-se notar a importância sensorial da música para o ser humano nas palavras sensíveis de Tuan (1980)

> "Os olhos obtêm informações muito mais precisas e detalhadas, sobre o meio ambiente, do que os ouvidos, mas geralmente somos mais sensibilizados pelo que ouvimos do que pelo que vemos. [...] para muitas pessoas, a música é uma experiência emocional mais forte do que olhar quadros ou cenários". (TUAN, 1980. p. 10).

Kong, (1995, p.162) que muitas vezes critica[9] alguns autores pela forma de análise geográfica da música, assinala que "a música é integralmente uma parte de nossas vidas pública e privada". A sensação/emoção de apreciar uma música individualmente é diferente de apreciar música em um local público aberto, com pessoas desconhecidas, com uma estrutura planejada e com músicas e as bandas são escolhidas coletiva e democraticamente, como acontece no "Sexta às Seis".

A pesquisa que se apresenta não se trata de algo inovador ou improvável de ser elaborado, mas que talvez seja algo desconhecido por muitos geógrafos, pois, como aponta Carney (2007 *apud* Sousa 2013) em relação à discussão entre Geografia e Música

> [...] estudando um pouco mais a fundo e refletindo cuidadosamente esta relação, conseguiremos ver que esses dois campos do conhecimento caminham juntos desde que o geógrafo queira trabalhá-los - evidentemente - do ponto de vista cultural. Haja vista as molduras estéticas envolvê-las intrinsecamente na realidade existencial concreta do ser no mundo. (CARNEY, 2007, p. 129).

De acordo com Panitz (2010) as pesquisas sobre geografia e música no Brasil são poucas, mas de grande diversidade na forma de abordagem:

> Elas demonstram uma heterogeneidade de abordagens, usando a música para trabalhos de caráter humanista e abordagens culturais renovadas, ou de enfoque econômico-social, ou como ferramenta para sala de aula. Em termos conceituais, também, encontramos diversidade nas abordagens, ora focando-se na paisagem, ora no espaço geográfico, ora na região, ora no

[9] Para Lily Kong, "a negligência dos geógrafos em relação à pesquisa com a música, dentre outras manifestações artísticas, está baseada em dois pontos principais, os geógrafos foram durante muito tempo, 'profundamente elitistas' em seus interesses, privilegiando em demasia apenas a cultura das elites (cultura erudita), o segundo ponto é que a pesquisa geográfica cultural privilegiou em larga escala o estatuto de aspectos visuais". (CASTRO, 2009 apud SOUZA, 2013 pp.130-131)

> território. (PANITZ, 2010, p. 64).

Esse mesmo autor faz um panorama mundial de toda produção acadêmica envolvendo música e geografia, e argumenta que Romagnan (2009) defende a música como um novo campo de estudos para a ciência geográfica, assim como, advoga pela ideia de estudar a música em espaços públicos.

> Romagnan introduz alguns aspectos importantes da música como atividade de grande importância cultural e social, explica a contribuição de sociólogos, antropólogos e etnomusicólogos, e insere a ideia da atividade musical como um geo-indicador do território ao abordar temas como política cultural, música e espaço público, sistemas de produção dessa atividade, uso dos lugares de práticas musicais e seus significados, entre outros temas. (PANITZ, 2013, p.4).

Pensando na música em relação aos lugares, Carney (2007, p. 145), ressalta "a música tanto reflete quanto influencia as imagens que as pessoas possuem de lugares e a forma como essas imagens mudaram significativamente as atitudes das pessoas para com os lugares". É interessante pensar se isso é refletido na compreensão dos indivíduos participantes do "Sexta às Seis", se passam a observar e vivenciar o espaço público aberto de forma diferente através de um projeto cultural/musical.

Muitas cidades se destacam pela imensa variedade e quantidade de opções culturais. É muitas vezes essa diversidade que as tornam cidades interessantes e objeto de estudo de muitos geógrafos culturais.

De acordo com Corrêa (2003, p. 157), "a cidade pode ser analisada segundo diferentes dimensões que se interpenetram. A dimensão cultural é uma delas", pois "a cidade é lugar de elaboração contínua de símbolos e sede de manifestações da vida cultural, desta vez entendida no sentido corrente do termo - por conseguinte, um lugar em que se desenvolvem atividades artísticas, literárias, musicais, teatrais". (MELA, 1999).

Nas cidades, há os locais onde se divulga e se promove eventos culturais musicais: conservatórios de música, as casas de shows, os centros de eventos, os bares e *pubs*. Esses eventos musicais fazem parte do cotidiano das cidades sejam elas grandes, médias ou pequenas. Entretanto, atualmente as manifestações musicais/culturais concentram-se mais em bares, casas noturnas, teatros, conservatórios, igrejas e propriedades particulares, onde cobra-se o valor da entrada, fazendo com que haja certa segregação do público, pois, a música é muitas vezes

utilizada como mercadoria. O proprietário ou organizador do evento, show, apresentação musical, geralmente leva ao público músicos que fazem sucesso ou que marcam maior presença nos mais diversos meios: televisão, rádio, publicidade, imprensa e internet, atendendo não apenas a um anseio cultural, mas sim ao capital, músicos que de acordo com Dias (2003, p.6) “surgem de modas ou ondas de estilos prospectados em espaços culturais específicos”, e por isso recebem tratamento especial.

Para que não haja essa segregação de público em decorrência do não acesso econômico, uma das alternativas tanto do poder público é propiciar o acesso cultural musical através de eventos em espaços públicos urbanos, como é o caso do objeto de estudo dessa pesquisa, o “Sexta às Seis”.

Soma-se a isso o propósito de eventos ou manifestações acontecerem em espaços públicos e serem relativos ao direito à cidade (LEFÈBVRE 2001), ou seja, o direito à cultura e ao lazer, e também, para propiciar a quebra do paradigma do conforto do isolamento, pois, as pessoas estão cada vez mais ausentes dos espaços públicos e preferindo o conforto de suas casas, do carro, no trabalho (em alguns casos) – o chamado declínio do homem público (SENNET, 1988).

De acordo com Milton Santos (2009) “se considerarmos o mundo como um conjunto de possibilidades, o evento é um veículo de uma ou algumas dessas possibilidades existentes no mundo” (SANTOS, 2009, p.144, apud PANITZ, 2010, p. 176). Pode-se pensar então que esses eventos e manifestações culturais de músicas (Sexta às Seis) ocorridos em espaços públicos, muitas vezes são possibilidades de valorização desse espaço e de identificação com a cultura local através dos músicos participantes do evento.

É importante ressaltar que cada cidade possui vida musical própria, e mesmo que esse projeto estivesse presente em outras cidades, as experiências dos participantes seriam diferentes, pois cada indivíduo se relaciona com o espaço público da sua própria maneira e vice e versa.

CAPÍTULO II

2. O PROJETO CULTURAL “SEXTA ÀS SEIS” E SUA RELAÇÃO COM O PODER PÚBLICO E OS MÚSICOS

O objetivo desse capítulo será a apresentação do Projeto Cultural/Musical “Sexta às Seis”: como ocorreu a elaboração desse projeto, como ocorre a sua organização, qual é o arranjo estrutural do projeto, quem são os envolvidos e o motivo dele acontecer atualmente em um dos principais espaços públicos da cidade de Ponta Grossa.

O capítulo também apresenta as experiências, expectativas e a importância que esse projeto tem na visão dos músicos. Para atender a esse objetivo específico, primeiramente foram identificados os principais envolvidos diretamente com o projeto “Sexta às Seis”.

2. 1 SEXTA ÀS SEIS: SUA HISTÓRIA, ORGANIZAÇÃO E ESSÊNCIA

O Projeto Cultural “Sexta às Seis”, de incentivo à música, à cultura, às bandas e aos grupos locais, teve início em 1989 e é uma iniciativa da Prefeitura Municipal de Ponta Grossa, por meio da Fundação Municipal de Cultura.

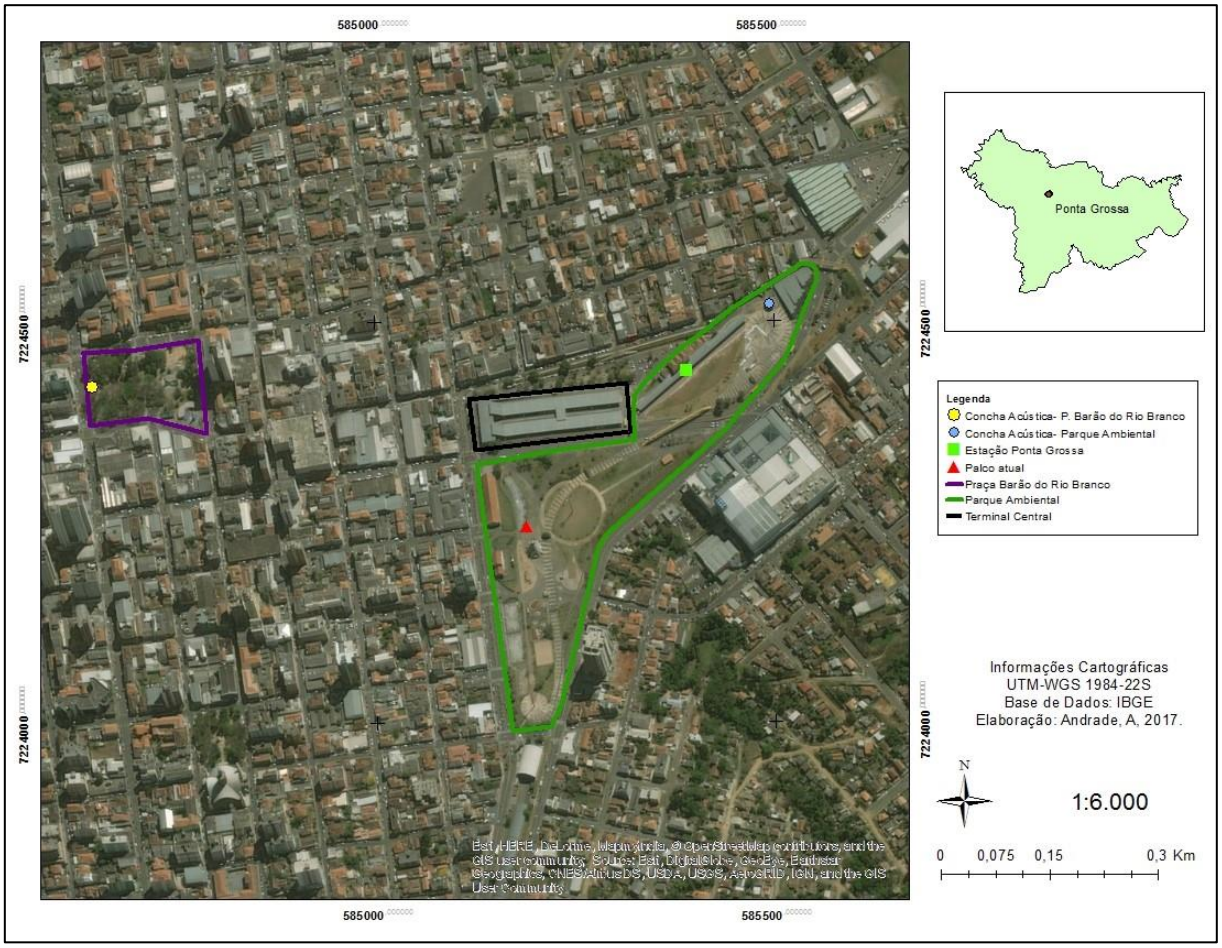
A ideia da criação do projeto é do atual presidente da Fundação Municipal de Cultura de Ponta Grossa, Fernando Rohnelt Durante[10].

No início, as apresentações ocorriam na Concha Acústica da Praça Barão do Rio Branco, depois, por um curto período de tempo, o evento ocorreu na Concha Acústica do Parque Ambiental, para mais tarde ocorrer na gare da Estação Ferroviária Ponta Grossa (Estação Saudade). Atualmente o local escolhido pela Fundação Municipal de Cultura é um palco montado, todas as sextas-feiras, frente à pista de *skate*, localizado próximo ao terminal central e ainda no espaço do parque ambiental da cidade de Ponta Grossa, como nota-se na figura 1.

---

[10] Publicitário, Diretor e Ator de Teatro. Diretor do Departamento de Cultura no período de 1989 a 1992. Único ator ponta-grossense premiado no FENATA, em 1978. Apresentador do Programa Caminho das Pedras, na TV Educativa de Ponta Grossa, de 2008 a 2012. Apresentador do Programa Cidade Entrevista, na Rede Massa desde 2014. Atual Presidente da Fundação Municipal de Cultura desde abril de 2016. Fonte: http://arede.info/ponta-grossa/139594/secretarios-sao-confirmados-em-diario-oficial

Figura 1: Localização do Projeto Cultural “Sexta às Seis”, Ponta Grossa-Pr.



Fonte: Andrade, 2017.

No ano que se iniciou o projeto (1989), a cidade de Ponta Grossa ainda não possuía um terminal de transporte urbano, as pessoas dirigiam-se aos pontos de ônibus na Praça Barão do Rio Branco, no centro da cidade.

Em vista disso, de acordo com os membros entrevistados da Fundação Municipal de Cultura, o principal objetivo do projeto era oferecer espetáculos culturais de música (fotografia 1) para os usuários do transporte público da cidade, enquanto esperavam pelos ônibus que ficavam superlotados no horário das dezoito às dezenove horas, assim os indivíduos poderiam utilizar o transporte público depois do espetáculo com um fluxo menor de passageiros.

Fotografia 1**:**Apresentação Machadinho e Grupo Raízes (6/4/1990).

Autor: ND
Acervo: Casa da Memória, 2017.

Nesta primeira fase o projeto foi realizado até o ano de 1992[11], voltando a ser realizado em 2005 no mesmo local de origem, onde já não havia mais a concentração dos pontos de ônibus - depois da criação do Terminal Central de Transporte Urbano da cidade. Nesta nova fase foram realizados espetáculos de dança, folclore e música de diversos estilos, onde os estilos musicais POP e o Rock se tornaram os preferidos pelo público.

Em entrevista com membros da Fundação Municipal de Cultura de Ponta Grossa (apêndice A3) foi comentado sobre as críticas ao projeto durante os anos de 2005 a 2008, por ser um local no centro da cidade rodeado por muitos prédios residenciais; por uma igreja que iniciava as novenas exatamente as 18 horas, mesmo horário do “Sexta às Seis”; pela presença do Colégio Estadual Regente Feijó, onde muitos alunos deixavam de comparecer às aulas para participarem do evento e por moradores do Edifício Princesa que reclamavam do volume sonoro, o “Sexta às Seis”

[11] Registro em Ata nº 120/2011, disponível em: < http://culturapg.com.br/memoria/?p=143>

teve de ser paralisado até que se conseguisse um novo local para a realização do projeto.

Outra crítica levantada foi sobre as bandas e grupos que tocavam no “Sexta às Seis” naquele período, a qual apontava que o responsável pelo projeto privilegiava as bandas de fora, deixando de lado as bandas locais. Assim, haviam muitas reclamações por parte dos músicos locais exatamente pelo fato do “Sexta às Seis” estar perdendo a característica mais importante, que era o incentivo para que as bandas e grupos locais mostrassem seus trabalhos.

Quando o projeto voltou à ativa em 2014 passou a acontecer na gare da Estação Saudade, agora com uma das características iniciais do projeto, incentivar as bandas e grupos locais, porém, essas bandas e grupos de acordo com o edital de 2014 deveriam ser bandas de rock, dentro das variações e estilos que o gênero comporta, o que acabou caracterizando o projeto como um evento essencialmente de *rock and roll*, fugindo da ideia inicial do projeto em 1989 que era levar cultura através da música para as pessoas no espaço público independente do estilo musical.

Até o ano de 2016, esse era um dos critérios para a seleção das bandas e grupos musicais, o que acabou fortalecendo a cena do rock pontagrossense. Durante esse período se apresentaram no “Sexta às Seis”. No ano de 2014 vinte bandas foram selecionadas, essa quantidade se manteve até 2016, em 2017 esse número subiu para quarenta bandas quando se abriu a oportunidade de bandas e grupos musicais de todos os estilos participarem.

De acordo com a Fundação Municipal de Cultura, o processo de seleção desses músicos é democrático,

> No caso abre-se o edital com um período de inscrição, as bandas enviam os áudios, nós numeramos esse material sem identificar os nomes dos músicos e das bandas e enviamos para os analistas, essa análise é feita às cegas, os analistas nos devolvem com as notas de cada banda, há uma análise de critérios técnicos, e não uma escolha por afeto. As escolhas das datas também são feitas através de sorteios com integrantes presentes de cada banda, nesse dia eles analisam se a data é viável, se a banda que vai tocar no mesmo dia é de um estilo parecido então é tudo feito de uma forma bem democrática mesmo. (Entrevista: Willes, 2017).

Outro ponto levantado na pesquisa foi em relação ao motivo desse projeto ocorrer sempre em espaços públicos da cidade. A afirmativa dos membros entrevistados da Fundação, foi de que é no espaço público aberto que é notável a

diversidade cultural da cidade, todos podem participar do evento independente de gênero, etnia, gosto musical ou classe social.

Essa diversidade de público levanta outra questão sobre a organização do projeto, que foi a mudança no edital de seleção das bandas no ano de 2017. A justificativa da Fundação Municipal de Cultura é exatamente de preservar e valorizar essa diversidade de gostos musicais, de dar oportunidade para grupos e bandas que nunca tocaram no “Sexta às Seis” mostrarem seu potencial e trabalho, já que na cidade de Ponta Grossa não existem apenas bandas de rock, existem grupos de MPB, grupos de *reggae*, samba etc. O novo edital de seleção acaba deixando um leque de opções de estilos musicais ainda maior para o público participante.

A fim de saber sobre reclamações em relação ao projeto desde que houve sua retomada em 2014, os membros entrevistados da Fundação explicam que nunca houve problemas de violência relatados durante os eventos. O que se nota é o consumo do álcool em locais públicos, visto que isso é considerado inapropriado, pois existe uma lei na cidade que proíbe o consumo de bebidas alcóolicas em locais públicos. Entretanto, a afirmativa dos entrevistados é que o consumo de bebidas durante o evento nunca foi causa para a queda da qualidade ou empecilho para o andamento do projeto. Como foi elencado durante a entrevista com membros da Fundação Municipal de Cultura, a maioria das pessoas consomem pouca bebida, o que facilita o controle de possíveis problemas; no entanto, existem algumas pessoas que exageram.

Uma situação referente ainda a esse tópico foi elencada pelos entrevistados. Essa situação aconteceu no ano de 2014, referente ao famoso *mosh ou mosh pit*[12]*,* que durante um dos shows na edição de 2014 um rapaz entrou no *mosh* e acabou caindo e batendo com a cabeça na plataforma da estação, logo o Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (SAMU) foi acionado e o rapaz foi tratado no local da ocorrência, o que não acarretou maiores problemas.

Dessa forma, na análise pelo poder público local, nesse caso os dois representantes da Fundação Municipal de Cultura de Ponta Grossa, o “Sexta às Seis” apresenta-se como um projeto cultural positivo para a cidade, que incentiva a cultura, os músicos locais, a utilização dos espaços púbicos pela população e proporciona lazer e cultura gratuita para o público participante. Além disso, como o projeto envolve

[12] Termo utilizado para se referir as rodas punks, ou danças punks, nas quais os indivíduos se empurram de forma aleatória, batendo se uns nos outros.

dinheiro público, os investimentos no “Sexta às Seis” são justificados pelo público participante e pelo número de bandas que se inscrevem, número esse que a cada ano cresce mais. Entretanto, é imprescindível destacar que esses não são os resultados finais dessa pesquisa e sim a análise dos entrevistados, membros da Fundação Municipal de Cultura.

2.2 O CENÁRIO MUSICAL DE PONTA GROSSA E A PARTICIPAÇÃO DO “SEXTA ÀS SEIS”

Quando se propõe compreender a consolidação do projeto cultural de música “Sexta às Seis”, durante os vinte e oito anos, na cidade de Ponta Grossa, torna-se necessário apresentar de forma sucinta o cenário cultural/musical da cidade[13].

O município de Ponta Grossa possui vários locais onde ocorrem eventos e apresentações culturais/musicais tanto gratuitos quanto privados.

Em uma matéria feita pelo Jornal Foca Livre[14] (2016) há vários apontamentos sobre as bandas de rock de Ponta Grossa, um deles é que “bandas locais encontram dificuldades em mostrar seu trabalho autoral”, que as empresas que promovem eventos na cidade preferem elaborar eventos majoritariamente para estilos musicais como o pagode, o sertanejo e o eletrônico, e que há pouca abertura de espaço para as bandas de *rock* locais demonstrarem seus trabalhos. Dessa forma, o jornal cita o Projeto Cultural “Sexta às Seis” como o evento que mais atende as demandas do público *rockeiro* na cidade.

É interessante ressaltar, que os bares e casas noturnas necessitam de público para manter as portas abertas, um público consumidor não apenas de música, mas de comidas e bebidas, que pague o valor proposto de entrada (quando este não for gratuito), que tenha idade suficiente para frequentar esses ambientes e que tenha disponibilidade no período noturno. Com essa afirmação compreende-se que há uma segregação de público, de pessoas que não podem pagar o valor da entrada, das pessoas que não frequentam esses locais em razão do horário, dos menores de idade e daqueles que muitas vezes não bebem, mas que gostariam apenas de apreciar a

---

[13] Apresenta-se de forma resumida, pois, não houve uma pesquisa aprofundada sobre o tema, o qual não faz parte dos objetivos do trabalho, mas entende-se que essa análise é importante para compreender a importância do Projeto “Sexta às Seis” para os músicos e admiradores da música em Ponta Grossa.

[14] O Foca Livre surgiu em 1993, com foco nos acontecimentos e temas que tenham impacto sobre a realidade universitária. Disponível em: https://jornalismouepg.wordpress.com/produtos/foca-livre/

música, preferindo não frequentar esses locais já que muitos cobram consumação.

Em relação a quantidade de eventos gratuitos de música que dão espaço para bandas da cidade mostrarem seus trabalhos autorais, podem ser citados o Festival Universitário da Canção (FUC)[15] e o Festival de Música de Ponta Grossa, que em 2017 consolidou a sua nona edição.

O FUC possibilita ao público apreciar apresentações musicais no Cine Teatro Ópera no período noturno, é cobrado um valor de entrada, as pessoas permanecem sentadas durante as apresentações, os músicos recebem um valor significativo caso sejam os vencedores das etapas regional e nacional, das categorias propostas (música, letra e interpretação), o que faz desse, um evento importante para os músicos da cidade e para o público apreciador da música nacional.

Nesse evento nota-se que similarmente aos bares, há uma segregação do público, por questão de valores de entrada, pelo fato de ser um local fechado e também pela questão do horário e do gênero musical. Isso não tira o mérito e a importância desse evento cultural da cidade, apenas demonstra sua excepcionalidade.

Já no Festival de Música[16], as apresentações acontecem em vários lugares da cidade: em teatros, escolas, ruas, terminais de ônibus e praças, algumas atividades e apresentações são gratuitas e outras são pagas.

No ano de 2017 esse evento contou com grande estrutura, com palco

---

[15] O Festival Universitário da Canção foi criado em 1980 pelo Diretório Central de Estudantes – DCE, da UEPG, que promoveu o evento até sua sétima edição, quando, por dificuldades financeiras, interrompeu sua realização em 1986.
Em 1995 o FUC foi encampado pela administração da Universidade Estadual de Ponta Grossa, ficando a cargo da Divisão de Assuntos Culturais, que conta com o apoio do governo municipal, estadual e empresas locais para que sua realização seja financeiramente viável.
[...]O FUC vem alcançando seus objetivos, contribuindo para o fomento da produção musical local com a criação, em 2005, de uma Etapa Regional na qual doze músicas de compositores e/ou intérpretes dos Campos Gerais se apresentam e quatro são selecionadas para a Etapa Nacional, além de receberem premiação em dinheiro e troféu. Além da crescente qualidade nas composições, é visível o aumento de inscritos e de regiões que enviam representantes a Ponta Grossa para a apresentação no Festival. (http://www.uepg.br/fuc/)

[16] O Festival de Música de Ponta Grossa tem o objetivo de promover um intercâmbio cultural, mostrando o que está sendo produzido nas demais regiões do Paraná e do Brasil e difundindo a música para os diferentes tipos de público, além de promover a cidade de Ponta Grossa como destino turístico na área cultural. A programação artística do evento agrega atrações que vão do erudito ao popular, com shows de artistas locais, estaduais e nacionais, selecionados a partir de uma curadoria que valorizou a brasilidade e as novas sonoridades. Além disso, na parte pedagógica, oferece oficinas e masterclasses de diversos instrumentos, inclusive na área da musicalização infantil. Um dos destaques é o palco Novas Sonoridades, que tem o objetivo de valorizar os artistas locais que produzem música autoral e divulgar as novas bandas que vem se destacando no cenário nacional. Disponível em: http://culturapg.com.br/eventos/festivaldemusica/?page_id=2

montado na Antiga Estação da cidade (conhecida como Estação Saudade), onde houve apresentações de músicos da cidade, como: Guilherme Santos, Fire Hunter, Jamp, Jerimoon e Moryah, mostrando seus trabalhos autorais em parceria com a Banda Escola Lyra dos Campos. Houve também apresentações de músicos reconhecidos nacionalmente, como: Marcelo Jeneci, banda Grand Bazaar, banda Francisco El Hombre, banda O Terno e a cantora Luiza Lian.

A fotografia a seguir mostra uma apresentação da Banda Mustache e os Apaches[17] durante o 9º Festival de Música de Ponta Grossa em um dos terminais de transporte público da cidade. Nota-se que as pessoas se aglomeram próximo aos músicos, muitos para apreciar a apresentação, outros quem sabe, param apenas por curiosidade.

Fotografia 2: Mustache e os Apaches no Terminal de Oficinas.

Autora: NASCIMENTO, 2017.

Certamente os dois eventos são diferentes na forma de organização, mas com o mesmo objetivo: o incentivo à cultura e a música na cidade de Ponta Grossa. Esses

[17] Grupo de músicos de São Paulo que possui quatro anos de carreira, iniciando os trabalhos em apresentações em ruas da cidade, foram convidados pela Fundação Municipal de Cultura de Ponta Grossa para se apresentarem em diversos espaços públicos da cidade durante o 9° Festival de Música.

eventos podem ser citados, juntamente com o “Sexta as Seis”, como os eventos que propiciam melhores oportunidades para os músicos da cidade. Isso não significa que sejam os únicos eventos que dão abertura aos músicos de Ponta Grossa, mas sim, que esses eventos se destacam por acontecerem anualmente, ou seja, os músicos e plateia se organizam ao longo do ano para deles participarem.

Em vista disso, durante as entrevistas com os músicos participantes do “Sexta às Seis” (apêndice A5), buscou-se compreender a importância do projeto enquanto palco de abertura e visibilidade para as bandas locais. As respostas foram muito diversificadas nas formas de relato, mas de um modo geral, as narrativas demonstram que o Projeto “Sexta às Seis” é relevante enquanto incentivo aos músicos locais.

De acordo com o músico Felipe Oliveira que toca em algumas bandas da cidade, tocar no “Sexta às Seis” foi importante tanto pela questão do projeto conseguir abranger um público que não frequenta os bares que possuem som ao vivo, mas gostaria de frequentar e não pode, assim como é importante também para o público em geral. De acordo com ele, o “Sexta às Seis” possibilita às pessoas conhecerem um som novo, músicas diferentes, algo que muitas vezes não conhecem, como por exemplo o *blues* que dificilmente é ouvido pela cidade. Essa perspectiva é compartilhada também pelo músico Eduardo Moraes da banda Fire Hunter, que comenta que o projeto é importante porque abre um espaço para pessoas que não são habituadas com um estilo musical especifico como *heavy metal*, e, desta forma, quando participam do evento passam a conhecer esse e outros estilos.

Para os músicos Vitor Paes (Banda *Mocken Reggae*), Digo Bitar (Banda Índigo) e Gabriel (Banda *Underfallen*) o “Sexta às Seis” possibilita tirar as bandas e músicos do anonimato e ajuda na divulgação do trabalho. Para alguns músicos a abertura desse espaço vai além, como é identificado na entrevista com o músico Jocimar Valentim, vocalista da banda Garimpeiros da Lua. Para ele, tocar no “Sexta às Seis” é importante porque é um evento local, só ocorre na cidade de Ponta Grossa e traz para o palco bandas exclusivamente de Ponta Grossa, “é algo de pontagrossense para pontagrossenses”.

Outro músico entrevistado foi Guilherme Santos, que há pouco tempo iniciou um projeto musical novo, tocando música popular brasileira (MPB) em parceria com músicos convidados. Ele fala que

> É importante justamente por ter esse público a mais conhecendo o trabalho,

> além de ser uma galera bem enérgica, que estão ali para ver o show, escutar o som. Muitas vezes a gente toca em bares que notamos que a galera não está lá para curtir o som, está lá trocando uma ideia com os amigos, bebendo alguma coisa e o que tocar, beleza. No Sexta às Seis a galera está ali para escutar, então achei muito bacana isso. (Entrevista: Guilherme Santos, 2017).

Para os músicos Billy Joy (banda Cadillac Dinossauros) e Felipe Brigola (banda *Orango Thunder*) o "Sexta às Seis" possibilita um convívio social, uma mistura de tribos, reúne pessoas de todas as vilas, de todas as quebradas[18], de todos os bairros, é um público bem diversificado que pode ser conquistado.

Entende-se que o cenário musical de Ponta Grossa se modifica dia a dia, muitos bares e casas noturnas abrem suas portas e outros fecham, muitos eventos culturais são criados e outros deixam de acontecer, apesar da cultura ser muito importante para a população e para a cidade, compreende-se que a cidade gira e se modifica através do capital (LEFEBVRE, 2001), o que muitas vezes se torna um empecilho para os músicos e apreciadores da música da cidade. Assim, o Projeto Cultural/Musical "Sexta às Seis" se caracteriza como um projeto que possibilita a abertura e oportunidade para os músicos locais e para os apreciadores da música.

2.3 VARIEDADE MUSICAL DO "SEXTA ÀS SEIS"

A cidade de Ponta Grossa possui inúmeros conjuntos musicais e músicos que produzem e reproduzem grande variedade de estilos musicais, pode-se encontrar na cidade desde grupos de pagode até bandas de blues, e essa afirmativa pode ser confirmada no Projeto Cultural/musical "Sexta às Seis".

Por muitos anos o "Sexta às Seis" foi visto exclusivamente como um evento musical de *rock and roll,* era rotulado de tal forma, pois as bandas selecionadas para subir ao palco eram de *rock*. O público participante frequentava em grande maioria por entender que aquele era o espaço do *rock n' roll* na cidade. Isso aconteceu justamente por estar no edital de regulamento das inscrições, lançado pela Prefeitura por meio da Fundação Municipal de Cultura, que dizia "podem se inscrever bandas de rock, dentro das variações e estilos que o gênero musical comporta". (Edital-005-2016-Sexta-às-Seis, parágrafo quarto).

---

[18] Termo citado por um dos músicos entrevistados que no sentido popular refere-se a lugares mais distantes do centro urbano.

No ano de 2017 houve uma modificação no edital de seleção das bandas e grupos musicais que poderiam tocar no “Sexta as Seis”. De acordo com o edital 002/2017 podem se inscrever grupos, conjuntos e bandas pontagrossenses, de diferentes estilos musicais com, no mínimo, três integrantes.

Quando a notícia da mudança foi lançada nos meios de comunicação e plataformas *online*, houve grande repercussão e especulações, houve muitas críticas assim como muitos elogios. Muitas pessoas acreditavam que o projeto perderia sua essência musical de espaço do *rock*, outras pessoas acreditavam que a mudança era necessária, já que a cidade é tão diversificada nos estilos musicais.

Muitas bandas e grupos musicais, mais especificamente 80, inscreveram-se para subir ao palco do “Sexta às Seis” no ano de 2017, quarenta foram selecionadas. Desse número pode-se notar a presença de grupos musicais que tocam música popular brasileira, grupo de música tradicional gaúcha, grupo de *Rap*, grupo de *reggae*, grupo de música instrumental, *heavy metal, soul music, rock* gospel, e bandas de rock em geral.

Uma das perguntas feitas aos músicos durante as entrevistas foi justamente o que eles acharam da mudança desse edital de seleção. Mais uma vez as respostas foram diferentes, mas, no contexto geral, todos os músicos entrevistados aprovam a abertura do palco do “Sexta às Seis” para todos os estilos musicais presentes na cidade.

Muitos dos músicos falam que esse espaço realmente deve ser aberto para outros estilos, mas que esses grupos musicais e bandas devem apresentar ao público algo de qualidade, que as músicas devem ter essência e não ser algo mercadológico, não ser algo que as gravadoras buscam para vender, pois o evento é cultural e não visa lucro.

Alguns falaram também sobre o “Sexta às Seis” ser um “espaço” democrático, que os avaliadores são pessoas de muita experiência na área musical e que então as bandas e grupos selecionados são merecedores. Pelo fato de Ponta Grossa possuir várias bandas de diferentes estilos musicais, só o rock não seria suficiente para demonstrar o potencial do projeto.

Foi citado também o fato de se tratar de um projeto cultural de música, então é a música que deve ser levada em consideração e não o estilo, mas que realmente o rock é mais carente em relação à abertura de oportunidades de shows, talvez por esse motivo é que os números mais significativos nas inscrições foram de bandas de

rock.

Sob o mesmo ponto de vista, foi citado que as pessoas devem aprender a conviver com o próximo, com o diferente e tentar fazer uma relação legal dessa convivência, só não poderia virar uma coisa apelativa, uma coisa pastel[19], uma coisa amadora, deve ser algo bem selecionado, com bons e claros critérios.

Em síntese, na perspectiva dos músicos, a música é algo maior que o estilo, que para apreciar essa arte não deve haver preconceitos, que o ser humano deve estar disposto a respeitar o diferente. Como se trata de um evento cultural público, os avaliadores na seleção das bandas devem levar em consideração excepcionalmente a qualidade da música que será apresentada ao público.

2.4 A UTILIZAÇÃO DE ESPAÇOS PÚBLICOS PELO PROJETO “SEXTA ÀS SEIS” NA PERSPECTIVA DOS MÚSICOS.

O projeto cultural de música “Sexta às Seis” desde seu início em 1989 até o ano de 2017 passou por algumas mudanças. Uma dessas mudanças foi em relação a sua localização, passando por diferentes espaços públicos abertos da cidade. Atualmente o local escolhido pela Prefeitura de Ponta Grossa é o Complexo Ambiental Governador Manoel Ribas.

O Complexo Ambiental Gov. Manoel Ribas (onde funcionavam as atividades ferroviárias da cidade de Ponta Grossa: Estações Ferroviárias, armazéns de cargas e pátio de manobras), é o maior e um dos mais movimentados espaços públicos e gratuitos da cidade. Esse espaço é utilizado pela população para diversão, atividades culturais, prática de esportes, lazer e comércio.

Nas sextas-feiras, durante aproximadamente quatro horas, esse espaço passou a ser utilizado de uma forma diferente do habitual. Um número significativo de pessoas (fotografia 3) de várias idades, gêneros, ideologias e gostos diversificados apropriam-se desse espaço público através de uma atividade cultural musical.

---

[19] Expressão citada por um dos músicos; pastel em referência a cor pastel, uma cor de tonalidade não tão vívida.

Fotografia 3: Mais de 1000 pessoas na apresentação das bandas *Format Factory* e *Maiden Rules*.

Autor: Wanderlei de Oliveira Cruz (2017).

Na perspectiva dos músicos, a iniciativa da Prefeitura Municipal de Ponta Grossa e da Fundação Municipal de Cultura na utilização de espaços públicos por um evento cultural de música é ótima, sendo ainda, algo que deveria acontecer não apenas no centro da cidade, mas também nos bairros. Eles afirmam que essa iniciativa deve ser mantida na cidade independente das gestões futuras, que a utilização dos espaços públicos é um dos caminhos para levar cultura à população.

De acordo com o músico Silvio Mendes da Banda A Coisa, a ocupação de espaços públicos valoriza e preserva a cultura da cidade, pois muitos dos espaços públicos onde ocorreu o “Sexta às Seis” são espaços históricos da cidade de Ponta Grossa, como a Concha Acústica da Praça Barão do Rio Branco e a Estação Ponta Grossa (Estação Saudade).

Duas características muito citadas pelos músicos: o fato do evento ocorrer em espaço aberto e de ocorrer num horário específico, no caso as pessoas se divertem muito porque estão ao ar livre, assim como possuem facilidade de ir e vir e também por ocorrer no horário de fim de expediente de trabalho, escola etc, gerando

momentos de lazer e distração da rotina da semana.

2.5 AS MEMÓRIAS E EXPERIÊNCIAS DO “SEXTA ÀS SEIS” RELEMBRADAS PELOS MÚSICOS.

Por tratar-se de um evento de vários anos de trajetória com idas e vindas, durante o andamento da pesquisa achou-se necessário saber se existem memórias e experiências nos indivíduos participantes, tanto nas pessoas do público em geral como nos músicos.

Uma das memórias que mais chamou atenção foi da esposa de um dos músicos. Ela estava próxima durante a entrevista e quando foi perguntado se o músico possuía alguma memória ou lembrança de algo que havia ocorrido durante o “Sexta às Seis” ela pediu para dar seu depoimento sobre algo que a marcou há muitos anos atrás, quando o projeto ocorria na Praça Barão do Rio Branco.

> Eu e meu marido tínhamos brigado, e o evento ocorria lá na Concha Acústica, eu estava grávida de uns sete meses, estávamos há uns dois dias assim meio "mérrr" sabe? (Fez caretas). Ele iria tocar naquele dia. Quando eu desci do carro na frente da praça ele começou a cantar, quando ele cantou o meu menino deu um pulo na minha barriga, foi muito emocionante. (Entrevista: Rosangela, esposa do músico Fabinho Ribeiro, 2017).

Muitos dos músicos entrevistados lembram que foi a partir do “Sexta às Seis” que começaram a conviver nesse espaço energizado da música e principalmente do *rock n’ roll*. Que foi através desse projeto que conheceram pessoas importantes de suas vidas, amigos, namoradas, que depois viraram esposas, pessoas do trabalho etc.

Concretizando a longa trajetória do projeto é interessante compartilhar a memória do guitarrista da banda *Fire Hunter* que conta sobre umas das melhores memórias que possui do “Sexta as Seis”

> Na segunda vez que a gente tocou, lembro que nós da banda tiramos algumas fotografias e vendemos uns dvds autografados. Chegou agora há pouco um rapaz grande de barba já, que naquela época era um piazinho, tinha uns dez anos e agora está com uns vinte e poucos, falando "ó tenho essa foto com vocês" essa acho que foi a lembrança mais bacana. (Eduardo Moraes, 2017).

Muitas das memórias dos músicos foram em relação a shows de artistas famosos que vieram para Ponta Grossa especialmente para tocar no palco do “Sexta

às Seis", como foi o caso da banda Made in Brasil[20], Blindagem[21], Patrulha do Espaço[22], Aquiles Priester[23], João Lopes[24], Lula Barbosa[25], *Burning Hell*[26], Faichecleres[27], Casa das Maquinas[28], Relespública[29] e Wander Wildner[30]. Esses acontecimentos foram registrados por alguns jornais da cidade, como é o caso do show da banda Patrulha do Espaço, demonstrado na figura 2.

Figura 2: Matéria do Jornal Diário dos Campos do dia 20 de março de 2005.

Um passeio com a Patrulha do Espaço

Com um público perto de mil pessoas, os paulistas da Patrulha do Espaço fizeram um super show na edição de anteontem do Sexta às Seis. Um repertório formado por composições que representaram todas as fases da carreira de uma das banda que fundou o rock nacional não deixou a galera parada. Os fãs cantaram junto, aplaudiram, enfim, se deliciaram com o som de tendências mais ao hard rock, progressivo. Ou seja, aquele som dos anos 60 e 70 que virou símbolo em termos de cenário musical brasileiro. Confira alguns registros:

A galera da Patrulha do Espaço trouxe a Ponta Grossa as suas canções do início de carreira, sem deixar de lado algumas composições do último disco

Jorge Neto, William Brondani, Bruno Ribeiro e Felipe Martins

Andressa Budny, Almir Nabozny, Andréa Silva e Jason Salles Rosa

Adam Kris e Ires Cogo

Heloísa Pereira, André Nascimento, Patrícia Lucini, Christopher Eades, Grace Kelly Ignatowicz e Eveline Martins

Autor: ND

---

[20] Banda de rock n' roll, criada em 1967.
[21] Banda de rock n' roll, criada em 1978.
[22] Banda de rock progressivo, criada em 1977.
[23] Ex baterista da banda Angra.
[24] Cantor e compositor brasileiro, no estilo rock rural desde 1978.
[25] Interprete e compositor paulistano desde os anos 80.
[26] Banda de heavy metal de Caixias do Sul, criada em 1995.
[27] Banda curitibana de rock nacional, criada em 1998.
[28] Banda de rock progressivo, criada em 1974.
[29] Banda curitibana de rock nacional, criada em 1989.
[30] Cantor e compositor brasileiro. Ficou conhecido por participar da banda Os Replicantes, que teve grande importância no punk rock nacional dos anos 80.

Fonte: Diário dos Campos (2005)
Acervo: Casa da Memória - Fundação Municipal de Cultura, 2017.

Um dos músicos comenta também que o “Sexta às Seis” foi o pontapé inicial de muitas histórias que se estenderam noite a dentro “eu lembro que sempre era o início da noite de sexta, a gente se encontrava ali e depois decidia o que ia fazer. Ali já começaram milhões de histórias” (Entrevista: Felipe Brigola, 2017).

Nas narrativas dos músicos percebe-se que os mesmos não compreendem o “Sexta às Seis” apenas como músicos, através da parte técnica e profissional, mas sim, como indivíduos que colaboraram e ainda colaboram com a história de um dos projetos culturais mais antigos da cidade de Ponta Grossa.

2.6 A MÚSICA NA PERSPECTIVA DOS MÚSICOS DO “SEXTA ÀS SEIS”.

Como o projeto cultural “Sexta às Seis” é essencialmente musical, é relevante entender a importância da música para os músicos que subiram no palco do projeto. Será que eles se utilizam da música apenas como fonte de renda, como passatempo ou é algo mais?

Dos músicos que tocaram no “Sexta às Seis”, boa parte aprendeu ou estudou música por conta própria ou com auxílio de algum amigo ou pessoa próxima; outros estudaram música em escolas de música e ou conservatórios, como é notado no depoimento do músico João Pedro da banda *Maiden Rules*, que fala que desde pequeno sempre foi movido pela música e preferiu estudar, que sempre teve o sonho e a vontade de crescer com um projeto musical e ser reconhecido por isso.

Muitos utilizam da música como primeira profissão, é da música que sai o seu capital, entretanto, percebe-se que esse profissionalismo não tira o apego pela música como uma arte, como é o caso do músico Daniel da banda *Black Dog*, que expõe a sua relação com a música

> Eu, desde que me conheço por gente, gosto de música. Comecei a tocar e a querer brincar bem cedo. Hoje em dia, a música é minha vida, porque eu só trabalho com isso, ganho dinheiro e me divirto com isso. Às vezes a gente cansa porque a vida de músico não é fácil. (Entrevista: Daniel Gnoato,2017).

Há aqueles que engajam na carreira musical por iniciativa própria e independente, e há também aqueles que são influenciados por parentes e pessoas do convívio diário e ou próximo, como é o caso do músico Jessé da banda *Asteroids*,

que em uma das entrevistas falou sobre a influência do irmão na escolha da carreira e do gosto musical: “já faz treze anos que toco, comecei por influência do meu irmão, eu sempre o tive como uma grande referência e comecei a tocar por causa dele , até as músicas que eu ouvia, *rock e heavy metal*, foram por influência dele”. Consequentemente pode-se pensar então na música como um “saber e um gosto” familiar, onde o pai ensina para o filho, que passa para o irmão mais novo e que talvez vá passar esse saber ou gosto pela música para um futuro membro da família.

Porquanto, a música vai além apenas da visão técnica, ritmo, harmonia, sintonia, como já foi dito por vários geógrafos (Kong, 2009; Carney, 2007; Torres, 2009 e Panitz, 2010) e agora é confirmado também nos depoimentos dos músicos participantes do “Sexta às Seis”. Rafael Moraes, que possui laços com a música desde pequeno, e atualmente é guitarrista da banda Lula’s Bitucas, conta que a música envolve sentimento e afeto, que é mais que apenas trabalho, que é através da música que se pode demonstrar o seu interior, ele explica que “a música é tua fuga para você ser você mesmo”. Já para o baterista da banda Cadillac Dinossauros, Billy Joy, a música apresenta-se ainda mais intensamente “a música é minha religião, é meu deus, é tudo, não tem explicação, é minha vida, eu vivo para a música”.

Nos discursos de outros músicos que concederam entrevistas, a música aparece como energia, como um sentimento de “estar vivo” e possibilita a criação de laços emocionais com outras pessoas.

Assim sendo, analisar um projeto cultural essencialmente musical, dá a possibilidade de por meio dos depoimentos dos indivíduos, comprovar a importância e a presença da música na sociedade, pois, para muitas pessoas a música é mais que uma técnica, é uma expressão corporal, uma das múltiplas formas de demonstrar sentimento e afeto por algo, é uma das maneiras de se sentir próximo a um determinado lugar, de relembrar momentos vividos em um determinado período de tempo em uma porção do espaço. Portanto, ela pôde ser estudada através da perspectiva geográfica, já que a geografia é uma ciência social e a música é um produto social. Entende-se que essa dialética deve ser cada vez mais praticada no campo acadêmico.

CAPÍTULO III

3. O PROJETO CULTURAL “SEXTA ÀS SEIS” E SUA RELAÇÃO COM O PÚBLICO PARTICIPANTE E OS USOS DO ESPAÇO PÚBLICO

Nesse capítulo, buscou-se compreender a relação do público com o projeto, sua importância para essas pessoas, o perfil dos participantes, qual a visão dos mesmos em relação ao projeto e como esses utilizam o espaço público onde ocorre o “Sexta às Seis” o Complexo Ambiental Governador Manoel Ribas, durante a ocorrência dos eventos.

3. 1 PERFIL DO PÚBLICO PARTICIPANTE DO “SEXTA ÀS SEIS”

Como o “Sexta às Seis” é um projeto cultural que ocorre em um grande espaço público da cidade, optou-se por saber o perfil do público participante, a fim de compreender qual parcela da população pontagrossense esse projeto contempla.

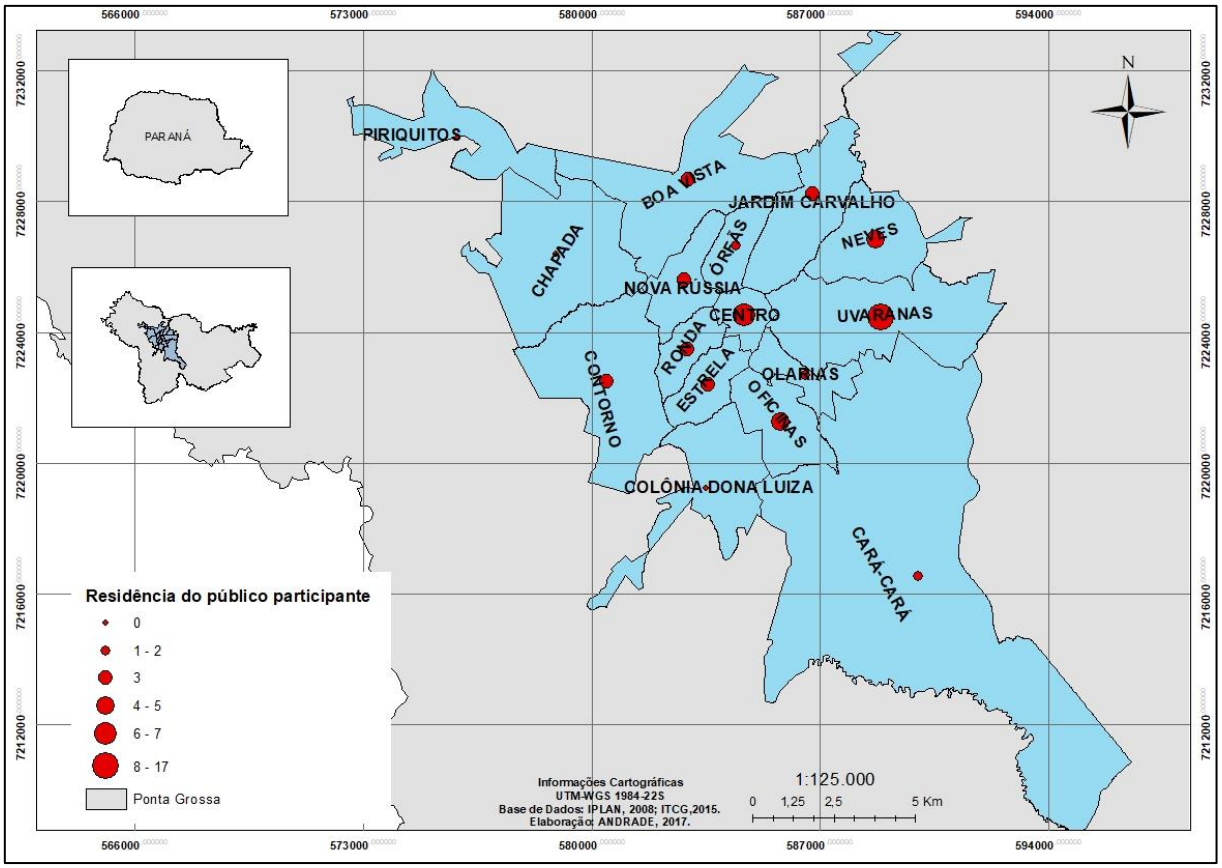
O questionário online ficou disponível para ser respondido do dia 06 de junho de 2017 à 31 de agosto de 2017. Durante esse período, foi respondido por setenta e três pessoas - desse total, quarenta e um identificaram-se como homens, trinta e um como mulheres e uma pessoa identificou-se como de outro sexo.

A idade mínima das pessoas que responderam foi de dezesseis anos e a máxima foi de quarenta anos. A idade com maior número de pessoas que responderam foi de trinta e dois anos.

A maioria das pessoas afirma que atualmente recebe de mil a dez mil reais, variadas foram as profissões citadas: veterinários, professores, geógrafos, office boys, empresários, *web designers*, eletrotécnicos, auxiliar contábil, militar do exército, projetistas, etc.

O mapa a seguir ilustra os bairros que mais aparecem na pesquisa, que foram os bairros de Oficinas e Uvaranas, as vilas mais citadas: Vila Estrela, Ana Rita, Rio Verde, Santa Paula, Núcleo Pitangui, Ronda, Jardim Paraíso, Santa Paula, Tania Mara, e etc.

Mapa 1: Bairros de residência do público participante do Projeto Cultural/Musical “Sexta às Seis”, Ponta Grossa-Pr.



Elaborado por: Andrade, 2017.

Em relação ao tempo de participação e frequência no “Sexta às Seis” o maior número de pessoas respondeu que participa há mais de dez anos, quando o projeto ocorria na Praça Barão do Rio Branco, seguido do número de pessoas que participam há três anos, data que o projeto foi retomado pela última vez.

3.2 O “SEXTA ÀS SEIS” NA PERSPECTIVA DO PÚBLICO PARTICIPANTE (ESTRUTURA, ESPAÇO FÍSICO, ORGANIZAÇÃO, ETC)

Em relação a esse tópico buscou-se compreender a perspectiva do público participante em relação ao projeto. Quais os pontos positivos e pontos negativos do Sexta às Seis, como observam o local do evento e por quais motivos frequentam.

De acordo com essas pessoas o que mais agrada no projeto é o local do evento, por ser no Complexo Ambiental Governador Manoel Ribas, um dos maiores espaços públicos da cidade, por esse local ser aberto e ter uma beleza arquitetônica e patrimonial (prédios tombados da antiga ferrovia), por ser amplo com gramado e árvores, o que possibilita a ida e vinda das pessoas, sem tumultos e permite que o

público se sinta à vontade para descansar sentando-se no chão (fotografia 4). O local agrada também por ser no centro da cidade e próximo ao terminal central.

Fotografia 4: Pessoas apreciando os shows sentadas na grama no dia 30 de junho de 2017.

Autora: Andrade, 2017.

De acordo com o público o projeto possibilita o encontro de várias tribos, possibilita conhecer pessoas novas, encontrar os amigos e se divertir ouvindo música. É um evento gratuito que possibilita a participação de qualquer pessoa. A característica mais citada foi o fato de possibilitar ouvir música ao vivo, de qualidade e de bandas da cidade, músicas que geralmente não são ouvidas nas rádios.

Dos aspectos negativos vistos pelo público foi citado a repressão por parte da Guarda Municipal, algumas pessoas comentam que muitas vezes a Guarda Municipal trata com preconceito as pessoas que se vestem de forma alternativa, o que acaba em “batidas”[31]. É interessante levar em consideração a Constituição Federal de 1988, onde é determinado a quem compete exercer o poder de revista pessoal ou local que são: polícia federal, polícia rodoviária federal, polícia ferroviária federal, polícia civil, policial militar e corpo de bombeiro militar. Na constituição Federal de 1988 é explicito que o dever da Guarda Municipal é zelar pelo patrimônio e serviços, não é de sua competência revistas pessoais.

Art. 144- A segurança pública, dever do Estado, direito e responsabilidade de

[31] Um tipo de revista policial, onde verifica-se todos os bolsos da roupa da pessoa a procura de algo que infringe a lei.

> todos, é exercida para a preservação da ordem pública e da incolumidade das pessoas e do patrimônio, através dos seguintes órgãos: [...] § 8° Os municípios poderão constituir guardas municipais destinadas à proteção de seus bens, serviços e instalações, conforme dispuser a lei". (BRASIL. Constituição Federal de 1988, artigo 144).

Outro ponto desagradável citado foi o fato de haver proibições no consumo de bebidas alcóolicas durante os eventos no Parque Ambiental, por esse ser um dos espaços públicos da cidade a Lei Nº 11.025/2012 estabelece que é proibido o consumo de bebidas alcoólicas de qualquer graduação em logradouros públicos do Município de Ponta Grossa, há exceções quando são eventos realizados em locais públicos com a autorização para consumo de bebidas alcoólicas expedida pelo Poder Público Municipal, nesse caso o "Sexta às Seis" só teve essa autorização no primeiro evento de 2017, havendo venda de chope por *food trucks* no local.

Muitas pessoas citaram que uma coisa que desagrada muito durante os eventos é a quantidade de resíduos sólidos deixados no chão pelo próprio público participante. Em todo o perímetro do Complexo Ambiental Gov. Manoel Ribas existem inúmeras lixeiras de fácil acesso para que as pessoas depositem seus resíduos sólidos. Durante os eventos, a Fundação Municipal oferece latões para o local e nos intervalos das apresentações rotineiramente pede para que o público utilize essas lixeiras. Nota-se que há falta de bom senso por uma parcela do público participante em relação a esse assunto.

3.2.1 Diversidade cultural do "Sexta às Seis"

De acordo com as respostas dos participantes, a maioria demonstra ser favorável com a mudança no edital que abre espaço para todos os estilos musicais estarem presentes no projeto. Para essas pessoas, a produção musical em Ponta Grossa é muito diversificada em estilos musicais, possuindo várias bandas e músicos que merecem reconhecimento e oportunidades. Afirmam que essa mudança possibilita que outras pessoas que não gostam apenas de *rock n'rol* sintam vontade de comparecer ao evento. De acordo com o respondente 7 (2017) "achei corretíssimo e na prática funcionou bem, é só passar nas sextas-feiras lá para ver. A inclusão de outros estilos musicais chama mais pessoas e aumenta o círculo social que o evento proporciona", complementando com o respondente 56 (2017) complementa, "Ponta Grossa e região não é só rock. Basta frequentar os bairros da periferia, ouvir a rádio comunitária, ir a bares e casas de shows alternativas e ver que a cidade é rica pela

criatividade artística da população”.

Foi citado também que essa mudança é democrática, não excluindo ninguém, que o importante é manter a música de qualidade e a cultura local, que agregando outros estilos musicais fortalecem ainda mais a permanência do projeto na cidade.

Algumas pessoas não aprovam essa mudança, de acordo com eles o projeto perde a essência de ser um evento conhecido como *rock and roll,* que esse estilo musical tem pouco espaço na cidade de Ponta Grossa, diferentemente dos outros estilos, “Não concordo, essa mudança altera a ideia original. Creio que seria mais pertinente que fosse organizado outros eventos semelhantes para outros estilos musicais” (Respondente 21, 2017).

Outras pessoas disseram não gostar da mudança por ter preferência musical pelo *rock*, mas que essa mudança não interfere no bom andamento do projeto, que nos dias que houver apresentações de grupos musicais de outros estilos apenas não comparecerão.

Com essas afirmações nota-se que o “Sexta às Seis” é reconhecido pelo público como um evento essencialmente de r*ock and roll* desde 2014, ano de retomada do projeto, mas que a abertura de oportunidades para grupos musicais e bandas de outros estilos agrega a diversidade do projeto, aumentando o público participante e possibilitando o convívio social de pessoas com gostos diferentes.

3.2.2 As perspectivas do público participante em relação ao uso dos espaços públicos por eventos culturais.

Sobre a utilização dos espaços públicos por eventos culturais musicais, as pessoas que responderam ao questionário afirmaram que a utilização dos espaços públicos através de uma atividade cultural é muito importante e deveria ser levado sempre em consideração pelos gestores municipais no momento do planejamento urbano e social - uso de verbas públicas.

O acesso à cultura é direito do cidadão e deve ser proporcionado pelo poder público, no caso a Secretaria Municipal de Cultura, como indica o respondente 21 “é necessário que o poder público retorne ao cidadão parte dos impostos recolhidos em forma de cultura e lazer”.

De acordo com essas pessoas, é através da utilização dos espaços públicos que a população passa a usufruir e se interessar mais pela cidade. Que esses espaços públicos devem ser cedidos ao uso de toda população e não somente como barganha

ou visando lucro para os cofres públicos através de eventos como os de *food truck*, feira de malhas, feira de flores e parques de diversão, mas, serem utilizados para o fortalecimento da cultura local, seja através da música, da arte, do teatro etc.

3.2.3 Memórias e lembranças do público participante em relação ao projeto.

A memória ou a lembrança tanto individual quanto coletiva auxilia na obtenção de um dado ou de um fato durante uma pesquisa. De acordo com Oliveira (2017) que cita Halbwachs (2004),

> As lembranças podem ser reconstruídas ou simuladas, partindo-se da vivência em grupo. Nós podemos criar representações do passado baseadas na percepção de outras pessoas, naquilo que imaginamos que aconteceu ou internalizando representações de uma memória histórica. A lembrança é uma imagem que ininterruptamente está junto com outras imagens e é, em larga medida, uma reconstrução do passado que é feita com a ajuda de dados emprestados do presente. [...] Nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se tratando de acontecimentos nos quais só estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque, em realidade, nunca estamos sós (p. 26). (HALBWACHS, 2004 apud OLIVEIRA, 2017, p.4).

As pessoas que afirmaram não ter memórias ou experiências marcantes, foram aquelas que frequentam o evento a menos de dois anos.

A maioria das pessoas respondeu que possui memórias em relação ao projeto. Muitas destacaram o fato de poderem assistir a *shows* de bandas conhecidas em território nacional, como já foi citado nas entrevistas com os músicos as bandas Casa das Maquinas e Ratos de Porão. Algumas pessoas falaram sobre terem lembranças de apresentações interessantíssimas de bandas da cidade como *Big Fish Blues*, banda Lamalaika e *Fire Hunter*.

Outras relembram momentos importantes da juventude quando o projeto ocorria na Praça Barão do Rio Branco, onde conheceram muitas pessoas importantes de suas vidas, tanto amigos, pessoas relacionadas a trabalho e também pessoas com laços emocionais mais fortes.

Foi citado o fato de o projeto ser um dos incentivos à carreira musical e de motivação para formação de bandas e grupos musicais. Foi mencionado que é nos eventos do “Sexta às Seis”, que muitas vezes os grupos de amigos conseguem se reunir totalmente, sem empecilhos de trabalho, casa e compromissos e sempre que esses círculos de amigos se reúnem ficam memórias desses encontros.

Como os indivíduos são diferentes na maneira de pensar, agir e sentir, nem todas as pessoas possuem memórias e experiências boas e felizes em relação ao

projeto, como afirma o entrevistado 65.

> Acredito que o mais impactante foi uma vez que um jovem que estava em uma bicicleta foi alvo de três armas da guarda municipal. Ele estava simplesmente andando quando foi abordado com armas em seu rosto, e mesmo depois do ato da Guarda Municipal, não encontraram nada com ele. Desnecessário agir dessa maneira. (Entrevistado 65, 2017).

O “Sexta às Seis” com sua longa trajetória na cidade, e com um número significativo de pessoas frequentadoras dos eventos, é constituído por memórias individuais e coletivas, fez e faz parte da vida e história dessas pessoas.

3.3 DESCRIÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO COMPLEXO AMBIENTAL GOVERNADOR MANOEL RIBAS.

Apesar do questionário *online* ser uma ferramenta que auxilia na obtenção de dados com maior rapidez e que possibilita coletar informações das pessoas em diferentes localidades, compreende-se que nem todas as pessoas que participam do projeto tem acesso à internet, ou preferem não se aproximar dessa, ou muitas vezes não tem o hábito e a necessidade de aproximação. Diante disso, é por meio da observação participante que se buscou a aproximação com esses indivíduos.

Durante todos os eventos ocorridos ao longo do ano de 2017, buscou-se analisar de que formas e maneiras os envolvidos no projeto utilizavam o espaço público Complexo Ambiental Governador Manoel Ribas-atual localização do “Sexta às Seis”. Será que esse espaço público é o melhor local para a realização de um evento cultural de música do porte do “Sexta às Seis”? Quais os usos desse local pelos participantes? Foram questões levadas em consideração.

De acordo com Milton Santos (1997, p.25), o espaço deve ser considerado como “um conjunto indissociável de que participam de um lado, certo arranjo de objetos geográficos, objetos naturais e objetos sociais e de outro, a vida que os preenche e os anima, ou seja, a sociedade em movimento”. Levando em consideração essa afirmação, pode-se pensar que o Complexo Ambiental Gov. Manoel Ribas, local que ocorre atualmente o projeto cultural/musical “Sexta às Seis”, possui esses objetos naturais e sociais, pois é utilizado de várias maneiras pela sociedade pontagrossense práticas esportivas, comércio, recreação e o lazer, é um espaço mutável, heterógeno e de livre acesso.

Para analisar se o Complexo Ambiental Governador Manoel Ribas é um

espaço público de qualidade, buscou-se apoio no Guia do Espaço Público (realização da Secretária de cultura do estado de São Paulo), nesse guia foram levantados pontos a serem levados em consideração em relação ao um espaço público de qualidade: acessibilidade, estrutura, segurança, igualdade social, preservação ambiental, etc.

A figura a seguir mostra o espaço público onde ocorre o projeto, o mesmo é notado de uma distância considerável, possibilitando ver as ações e o que ocorre nesse espaço. Nota-se uma boa conexão entre esse espaço e o os objetos ao entorno do mesmo, o Shopping Palladium, a COPEL, lojas comerciais, terminal de transporte urbano, tem ligação com duas ruas muito movimentadas do centro da cidade: Avenida Dr. Vicente Machado e Rua Benjamin Constant, dessa forma é compreensível a apreciação do local para a realização do projeto tanto pelos músicos quanto pelo público.

É um espaço totalmente aberto, sem restrições ou barreiras físicas, as pessoas podem facilmente caminhar até o local sem muitas dificuldades, atravessando apenas ruas com sinalização e faixas para pedestres, também possui calçadas para pedestres e áreas verdes.

Figura 3: Localização do Complexo Ambiental Governador Manoel Ribas, Ponta Grossa-Pr.

Elaborado por: Andrade, 2017.

A primeira impressão do espaço público em questão é positiva, um local bem estruturado, com árvores o que possibilita que as pessoas não fiquem em tempo integral em exposição aos raios solares, possui bancos, quadras de esportes e pistas de corrida e de skate.

O espaço é limpo. Os responsáveis pela limpeza são contratados pela Prefeitura Municipal de Ponta Grossa, dessa forma a limpeza do local é feita diariamente e em todo o perímetro encontram-se lixeiras.

O local pode ser considerado seguro, pois há um posto fixo da Policia Militar nesse espaço e durante alguns dias da semana há a presença de um posto móvel da Guarda Municipal. É um espaço muito movimentado durante o dia, com atividades bem diversificadas praticadas pelas pessoas que acessam esse local. Essas características fazem desse local, um espaço público bem-sucedido, pois é acessível, ativo, confortável e sociável.

3.4 OS USOS DO ESPAÇO PÚBLICO PELOS ENVOLVIDOS NO “SEXTA ÀS SEIS”.

Ao observar o cotidiano das cidades é perceptível que ela está em constantes transformações, seja em detrimento do desenvolvimento econômico, do desenvolvimento tecnológico, do desenvolvimento cultural e ou social. Juntamente com a cidade, nota-se que os espaços públicos também se transformam, e essa transformação se dá pelos usos dos indivíduos.

Segundo Gehl (2006) esses usos acontecem quando as qualidades do ambiente são favoráveis para atividades diversas, quando as vantagens tanto físicas, psicológicas e sociais se sobrepõem as desvantagens o que torna o ambiente agradável (segurança, beleza e conforto). (GEHL, 2006, apud DARODA, 2012).

Esse autor classifica as atividades que ocorrem em espaços públicos, dividindo-as em necessárias, opcionais e sociais. Necessárias: acontecem e transformam o espaço urbano em um meio de ligação entre pontos da cidade. Opcionais: acontecem em razão das vontades dos usuários, atividades das quais o indivíduo não sente obrigação, são atividades de lazer e ócio. Sociais: práticas sociais, como conversar, socializar, atividades em grupo etc. (GEHL, 2006, apud DARODA, 2012).

As pessoas envolvidas no projeto cultural/musical “Sexta às Seis”, tanto o público participante, músicos e poder público, são pessoas de diferentes idades, nota-se a presença desde crianças até velhos, todos utilizando o mesmo espaço público.

Há a presença de vários grupos de amigos, grupo de pessoas que vem com a família, grupo dos envolvidos na estrutura do evento, grupo dos artistas de rua, etc. Todos esses grupos interagindo entre si e com o espaço. Essas pessoas conversam e riem durante as apresentações, algumas se sentem tão à vontade que dançam na frente do palco, outras ficam apenas apreciando a música sem qualquer expressão facial ou corporal.

Em dias com temperaturas mais agradáveis nota-se que as pessoas descansam e apreciam os shows sentados na grama espalhados pelo local, nos dias com temperaturas mais baixas as pessoas ficam mais próximas umas das outras, em busca por calor humano, calor esse fornecido na roda de amigos, no abraço do (a) companheiro (a) ou de algum familiar próximo.

As porções do espaço mais utilizadas variam de acordo com as bandas que se apresentam, quando a banda toca músicas com um ritmo mais acelerado ou pesado como *heavy metal e hard core*, uma porção do público fica na frente do palco fazendo *mosh*, e o restante do público fica mais espalhado.

Quando a banda que sobe ao palco toca músicas com ritmos mais dançantes como *reggae* e o samba, é possível notar que as pessoas se esforçam para acompanhar o ritmo da música balançando, mesmo que timidamente seus corpos, outras, já menos inibidas, arriscam variados passos de dança, o que faz o ambiente parecer mais agradável e descontraído.

Como o local de ocorrência do “Sexta às Seis” é um espaço público gratuito e aberto, durante as apresentações é possível observar que muitos participantes levam seus animais de estimação, como uma opção de lazer. Nesse espaço público durante as apresentações é possível perceber que os artistas de rua marcam presença, com seus triciclos, malabares, artesanatos e artes. Nota-se que alguns aproveitam a movimentação que o projeto proporciona durante as sextas-feiras para apresentar suas produções para o público (fotografia 6), da mesma forma, há aqueles artistas de rua que estão ali apenas para apreciar o espetáculo e curtir o som.

Fotografia 5: Apresentação de malabares durante o evento do “Sexta às Seis”.

Autora: Andrade, 2017.

Durante as apresentações nota-se a presença de um grande número de pessoas consumindo bebidas alcóolicas, em tardes com temperaturas mais quentes é possível observar que muitas pessoas levam caixas térmicas para conservar as bebidas geladas, em dias com temperaturas mais frias as bebidas mais percebidas são o vinho e o tubão[32], algumas pessoas apresentam-se com “cuias de chimarrão”. O fato das pessoas estarem consumindo bebidas alcóolicas durante as apresentações não significa que estão alcoolizadas, pois, é pequeno o número de pessoas que demonstram exceder o limite, esse ato apenas demonstra que o evento proporciona uma sensação de conforto tão grande que as pessoas se sentem à vontade para beber em um local público da cidade mesmo havendo uma lei que proíbe esse tipo de ato.

Sendo assim, as atividades realizadas pelos envolvidos no projeto, de acordo com Gehl (2006) e citado por Daroda (2012), são atividades opcionais, pois os envolvidos não são obrigados a utilizar esse espaço público, pois identificam o projeto

[32] Mistura alcóolica de vodca com refrigerante.

como uma oportunidade de lazer e ócio e também como atividade social, pois encontram os amigos, conversam, dão risadas, ficam em grupos, dançam, etc.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde o ano de 1989, ano de início do projeto “Sexta às Seis”, até atualmente, o projeto passou por várias mudanças, tanto a sua localização como a forma de seleção dos grupos e bandas. Entretanto, nota-se que o projeto possui um público fiel, que tem o interesse em participar dos eventos, em conhecer as bandas e grupos musicais que sobem ao palco, assim como acompanham as ações tomadas pelo poder público em relação ao projeto.

São vários os fatores que contribuem para o sucesso e relativa permanência do “Sexta às Seis”. Os mais relevantes identificados durante essa pesquisa foram: o fato do projeto ocorrer em um espaço público, aberto e gratuito, que possibilita aos participantes maior mobilidade e movimentação durante os eventos – sensação de liberdade que os ambientes abertos proporcionam; o fato desse espaço público estar localizado na área central da cidade e ser próximo ao terminal de transporte coletivo – que facilita o deslocamento dos participantes; o fato dessas apresentações de bandas e grupos musicais serem totalmente gratuitas; o horário de ocorrência das apresentações (das 18:00 às 22:00 horas) também deve ser levado em consideração, pois é um horário que permite a permanência de indivíduos de várias idades, desde crianças até as pessoas mais velhas.

Da mesma forma, é interessante constatar que o projeto se manteve ativo por tantos anos, também pela pressão popular. Durante a sua trajetória aconteceram momentos de estagnação do projeto, mas o público através de seus representantes legais no Conselho Municipal de Cultura durante reuniões com a Prefeitura e a Fundação Municipal de Cultura pedia o retorno e a manutenção do “Sexta às Seis”. Mesmo considerando a pressão popular, a permanência do projeto só ocorreu por haver um interesse dos órgãos públicos responsáveis em mantê-lo ativo, investindo dinheiro público para sua realização.

Apesar de contabilizar um público expressivo, fiel e presente em todas as sextas-feiras em que ocorre o projeto, durante a pesquisa ficou claro que muitas dessas pessoas não conhecem o histórico do projeto, suas características originais e os objetivos da sua criação, tampouco a longa permanência desse projeto cultural de música na cidade. Para muitos o “Sexta às Seis” é um evento dedicado exclusivamente para os apreciadores do *rock and roll* e suas vertentes. Isso se deu em decorrência dos editais de seleção das bandas e grupos musicais, que durante

alguns anos consecutivos privilegiou o *rock,* deixando de lado outros estilos musicais também presentes na cidade. Houve um predomínio das bandas de *rock* pelo fato de existir uma quantidade significativa de bandas e grupos musicais de qualidade que tocam e produzem músicas desse estilo na cidade – e, evidentemente, sempre houve público para essas bandas. O que ocorre é que não há espaços e eventos suficientes para que os mesmos se apresentem e mostrem seus trabalhos. Assim, o projeto "sexta às seis", um evento bem organizado, que ocorre num lugar especial da cidade, se tornou um sucesso e ideal para que músicos e público promovessem o fortalecimento desse ritmo musical.

O "Sexta às Seis" é um projeto cultural de música importante para a cidade de Ponta Grossa pela sua trajetória de existência, por incentivar a utilização dos espaços públicos através de atividades culturais. É fundamental para qualquer cidade que o poder público exerça o papel de proporcionar aos seus cidadãos espaços para as manifestações sociais, culturais e políticas. Diante do processo de "decadência do homem público" (SENNET,1988), as atividades, especialmente as culturais, são sempre bem-vindas.

O projeto é muito importante para o desenvolvimento da música da cidade. Junto com as atividade promovidas pelo Conservatório de Música de Ponta Grossa – importante instituição cultural da cidade (VENDRAMI, 2010) –, com o Festival Universitário da Canção (FUC) e com a Festa Nacional do Chope Escuro (München Fest) - que possibilita a apresentação de artistas locais na sua grade de shows – o Projeto "Sexta às Seis" possibilita a abertura e visibilidade a bandas e grupos mostrarem seus trabalhos através de uma boa estrutura, com palco profissional, equipe técnica qualificada, conjunto de luzes e aparatos sonoros que proporcionam aos músicos demonstrarem a qualidade dos seus trabalhos, pois em nenhum momento se tem a ideia de amadorismo tão frequentes em muitos eventos públicos.

Consequentemente, percebe-se que há uma preocupação dos membros da Fundação Municipal de Cultura de Ponta Grossa, aqueles diretamente ligados ao projeto, em proporcionar momentos de lazer e encontro com a cultura local pelos participantes, assim como, incentivar os músicos e bandas a continuarem suas trajetórias no caminho da música, pois há um valor de premiação simbólico para as bandas e grupos que se apresentam no projeto.

Uma das características mais marcantes do projeto é a diversidade do público participante e como os mesmos se organizam no espaço que ocorre o "Sexta às Seis".

Durante os eventos são notáveis as sutis territorialidades que se formam naquele espaço. Há o grupo dos estudantes do ensino médio, o grupo dos artistas de rua, o grupo dos fumantes, espaços onde se vê maior presença de famílias, grupo de pessoas que fazem parte de *motoclubes* ou, até mesmo, grupos formados por pessoas com gostos em comum por bandas e estilos musicais específicos.

O mais interessante é que toda essa diversidade não é um empecilho para o bom andamento do projeto, isso apenas demonstra que o “Sexta às Seis” consegue reunir em um mesmo espaço pessoas com características, gostos, ideologias, classes sociais e idades diferentes, ampliando o convívio social, a troca de experiências, o fortalecimento de laços afetivos e movimentação no espaço público e consequentemente o vivenciar e participar ativamente da cidade.

Concluindo, evidenciou-se durante a pesquisa que as práticas socioculturais são amalgamadas pela música no espaço público, ou seja, o “Sexta às Seis” se mantém como um conjunto de agentes e espaço, onde há os indivíduos participantes, há o espaço público e há o poder público. E tudo entra em sintonia, no ritmo, porque são embalados pela música.

REFERÊNCIAS

BAUER, M.W; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som.** 2ªed. Petrópolis, Vozes, 2003.

BRASIL, **Constituição Federal de 1988**. Emenda Constitucional nº 93 de 08/09/2016). Art. 144. Disponível em: < https://www.senado.gov.br/atividade/const/con1988/con1988_08.09.2016/art_144_.asp> Acesso em: 22 de setembro de 2017.

CARNEY, G. O. Música e lugar. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (orgs.). **Literatura, música e espaço.** Rio de Janeiro: Ed UERJ, 2007.

CASTRO, V.S; CASTRO, C.A.T. **A gestão pública do lazer em espaços públicos urbanos:** um estudo de caso da praça do Operário, no município de Breves-PA**.** Revista Brasileira de Estudos do Lazer. Belo Horizonte, v. 2, n. 3, p. 139-158, set./dez. 2015.

CLAIR, Gabriela. SAFRAIDE, Kimberlly. BAZZI, Mirna. **Embora enfraquecido, o metal permanece vivo na cena musical de PG**. Foca Livre, Ponta Grossa, dez, 2016. Ano 24, seção cultura, P. 8.

CLAVAL, P. A geografia cultural no Brasil. In: BARTHE-DELOIZY, F., and SERPA, A., orgs. **Visões do Brasil:** estudos culturais em Geografia [online]. Salvador: EDUFBA; Edições L'Harmattan, 2012, pp. 11-25. ISBN 978-85-232-1238-4. Available from SciELO Books http://books.scielo.org

CORREA, Roberto Lobato. Cultura e cidade: uma breve introdução ao tema. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri. LEMOS, Amália Inês Geraiges (org) **Dilemas Urbanos. Novas abordagens sobre a cidade.** Editora Contexto, 2003. P. 157.

CULTURAL, Conexão. **Guia do espaço público**. Proac SP, São Paulo, ed. 2ª, 2016.

DARODA, Raquel Ferreira. **As novas tecnologias e o espaço público da cidade contemporânea.** Dissertação (mestrado) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Arquitetura, Programa de Pós-Graduação Planejamento Urbano e Regional, Porto Alegre, 2012.

DIAS, Marcia Regina Tosta**. A indústria fonográfica e os dilemas da difusão.** XI Congresso Brasileiro de Sociologia – Campinas/SP – 01 a 05/09/2003. Disponivel em < http://www.sbsociologia.com.br/portal/index.php?option=com_docman&task=cat_view&gid=102&Itemid=170> Acesso em: 12 de setembro de 2017.

DOZENA, Alessandro. **Geografia e Música. Diálogos.** Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Publicado em agosto de 2016.

GERHARDF, T. E.; SILVEIRA, D. T. **Métodos de pesquisa.** Ponto Alegre: UFRGS, 2009.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GODOY, Eduardo. **Prefeitura abre inscrições para temporada 2016 do projeto Sexta às Seis.** Disponível em: < http://www.pontagrossa.pr.gov.br/node/31274> Acesso em 03 de abril de 2017.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. **A condição urbana:** ensaios de geopolítica da cidade. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 2002.

KONG, Lily. Música popular nas análises geográficas. In: CORREA, Roberto Lobato. ROSENDAHL, Zeny (org) **Cinema, Música e Espaço.** Editora URJ, 2009. P.129-175.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. de. **Fundamentos de Metodologia Cientifica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Moraes, 2001.

LEVITIN, D. Em busca da mente musical. In: ILARI, B. S. (org.). **Em busca da mente musical**: ensaios sobre os processos cognitivos em música – da percepção à produção. Curitiba: Ed. da UFPR, 2006

LOBODA, Carlos Roberto. **Práticas socioespaciais e espaços públicos em Guarapuava-PR**. Tese de doutorado Produção do Espaço Geográfico, da Faculdade de Ciências e Tecnologia de Presidente Prudente/SP, Universidade Estadual Paulista, 2008.

MARQUES, Ivana Souza. **Apropriação do Espaço Público Urbano pelo Comerciante Informal na Avenida Expedito Garcia, Campo Grande, Cariacica-ES.** Dissertação de mestrado em Arquitetura e Urbanismo, do Centro de Artes da Universidade Federal do Espírito Santo, 2010.

MELA, Alfredo. **A sociologia das cidades**. Editorial Estampa, 1999. P. 37.

OLIVEIRA, Rita Barreto de Sales. **Memória Individual e Memória Coletiva.** Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano 2, Vol. 13. pp 339-348 janeiro de 2017. ISSN: 2448-0959

PANITZ, Lucas Manassi. **Por uma geografia da música:** o espaço geográfico da música popular platina. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Geociências, Programa de Pós-Graduação em Geografa. Porto Alegre, 2010.

PANITZ, Lucas Manassi. **Por uma geografia da música:** um panorama mundial e vinte anos de pesquisas do Brasil**.** Para onde? Revista Eletrônica, Rio Grande do Sul. Vol.6, N. 2, p.1-10. Publicado em fevereiro de 2013. Disponível em:<http://seer.ufrgs.br/index.php/paraonde/article/view/36474/23889> Acesso em 09 de abril de 2017.

PONTA GROSSA, **Lei Nº 11.025/2012,** dispõe sobre decreto Nº 6378, de 20/09/2012. Disponível em:< https://leismunicipais.com.br/a/pr/p/ponta-grossa/decreto/2012/637/6378/decreto-n-6378-2012-regulamenta-a-lei-n-11025-2012-que-dispoe-sobre-a-proibicao-do-consumo-de-bebidas-alcoolicas-emlogradouros-publicos-do-municipio-de-ponta-grossa> Acesso em: 22 de setembro de 2017.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**.3ª edição. São Paulo: Hucitec,1997.

SENNET, R. **O declínio do homem público:** as tiranias da intimidade. São Paulo: Cia. das Letras, 1988.

SCHOENHERR, Rafael. **Música e vida pública local:** intervenções musicais no espaço público aberto em Ponta Grossa (2013-2016). Relatório de qualificação de doutorado, Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2015.

SOUZA, Marquessuel Dantas de. **Geografia, literatura e música:** o simbolismo geográfico na arte. Revista de Geografia (UFPE) V. 30, No. 1, 2013, pp.130-131.

SOUZA, Rodrigo de. **Secretários são confirmados em diário Oficial.** Disponível em: <http://arede.info/ponta-grossa/139594/secretarios-sao-confirmados-em-diario-oficial> Acesso em: 22 de setembro de 2017.

SOBARZO, Oscar. **A produção do espaço público:** da dominação a apropriação. GEOUSP- Espaço e Tempo, São Paulo, Nº 19, pp 93-111, 2006.

TORRES, Marcos Alberto. **A Paisagem Sonora da Ilha dos Valadares:** percepção e memória na construção do espaço. Dissertação de Mestrado. Setor de Ciências da Terra – UFPR. Curitiba, 2009

TUAN, Yi Fu. **Espaço e Lugar:** a perspectiva da experiencia. Tradução de Lívia de Oliveira. São Paulo: DIFEL,1983.

TUAN, Yi Fu. **Topofilia: Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente.** São Paulo: DIFEL,1980.

VENDRAMI, Georgeana Lanzini. **Conservatório de Música de Ponta Grossa:** (re) produção cultural e distinção social (1975-1995). Dissertação de mestrado em Educação, Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2010.

APÊNDICE A- ENTREVISTAS

APÊNDICE A1- Autorização de uso de imagem, som de voz, nome, dados biográficos, informações, opiniões e conceitos.

Eu, abaixo assinado e identificado, autorizo o uso de minha imagem, som da minha voz, nome e dados biográficos, informações, opiniões e conceitos por mim revelados em depoimento pessoal concedido e, além de todo e qualquer material entre fotos e documentos por mim apresentados, para compor obras acadêmicas que venham a ser planejadas, criadas e/ou produzidas pela Universidade Estadual de Ponta Grossa, com sede na Avenida Carlos Cavalcanti, 4748; sejam essas destinadas a divulgação ao público em geral e/ou para formação de acervo acadêmico.
A presente autorização abrange os usos acima indicados tanto em mídia impressa (livros, catálogos, revista, jornal, entre outros) como também em mídia eletrônica (programas de rádio, podcasts, vídeos e filmes para televisão aberta e/ou fechada, documentários para cinema ou televisão, entre outros), internet, banco de dados informatizado Multimídia, “home vídeo”, DVD (“digital vídeo disc”), suporte de computação gráfica em geral e/ou divulgação cientificas de pesquisas e relatórios para arquivamento e formação de acervo acadêmico, sem qualquer ônus a UEPG ou terceiros por essa expressamente autorizados, que poderão utiliza-los em todo e qualquer projeto e/ou obra de natureza sociocultural em todo território nacional e no exterior.
Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos a minha imagem ou som de voz, ou qualquer outro, e assino a presente autorização.

_____, ____ de _____ de 2017.

_____
Assinatura

Nome:
Endereço:
Cidade:
RG:
Telefone para contato
Nome do Representante Legal (se menor)

APÊNDICE A2- Tópico guia de entrevista com organizadores do projeto.

✓Nome

✓Idade

✓Cargo ou setor

✓Data de início do Sexta às Seis

✓Motivos de criação do Projeto

✓Ideia

✓Períodos de parada

✓Número de músicos

✓Organização da estrutura do evento

✓Dificuldades

✓Visão do poder público

✓Estimativa de número de participantes

✓Utilização de espaços públicos através de eventos culturais

✓Mudança no edital

✓Por que o evento ocorre em espaços públicos

✓Problemas relatados sobre o projeto

✓Políticas públicas de incentivo à cultura

APÊNDICE A3- Transcrição da entrevista com membros[33] da Fundação Municipal de Cultura.

Entrevista realizada dia 04 de agosto de 2017.

Hayssa Katia Viana e Willes G. F. Machado.

Início do projeto: Não sei a data exata que iniciou o projeto, mas sei que foi em 1989, a ideia de criação foi do nosso chefe, o Fernando Durande.

Motivos de criação: Foi dar oportunidade para os músicos, para as bandas, para os grupos e levar também cultura para as pessoas em um espaço público, pois, muitas vezes as pessoas não tem condição de pagar para ir a um evento ou a um show, então esse projeto é uma oportunidade.

Momentos de parada: Não sei dizer o período exato, mas sei que ele iniciou em 1989, aí logo em seguida ele deu uma parada, voltou em 2004 e parou em 2005, depois voltou em 2014, se não me engano.

Número de bandas: Olha, total de todos os anos não temos, porque como eram outras gestões, não havia essa preocupação em registrar tudo isso. É importante dizer que esse é o ano que mais teve inscrições e premiados, foram 80 bandas inscritas e 40 selecionadas, dessas 40 bandas todas recebem um valor de R$ 1.000,00 como se fosse um cachê, mas é uma premiação. Nas edições passadas, havia a seleção das bandas que receberiam essa premiação, mas havia as bandas que fariam a abertura dos shows de uma forma voluntária, que não deixa de ser uma forma de dar oportunidade para que esses músicos ganhassem visibilidade e participassem da mesma maneira.

Esse é o ano que tem mais edições, ocorrendo praticamente todas as sextas-feiras.

Nas edições passadas tocavam mais bandas, porque haviam as bandas convidadas que faziam a abertura, dessa vez tocam apenas duas bandas por noite, mas estendeu-se as datas dos eventos, ocorrendo quase que durante o ano todo. São vinte datas e quarenta bandas.

Dificuldades: Um dos maiores contratempos no caso do “Sexta as Seis” é a chuva, por ser um espaço aberto por envolver muitos equipamentos de som e tal, não

[33] Em decorrência da ausência e posteriormente, o desencontro com o Presidente da Fundação Municipal de Cultural, Fernando Rohnelt Durante, optou-se por entrevistar dois membros da Fundação que estão atualmente diretamente ligados a organização do Projeto Cultural/Musical Sexta às Seis.

tem como fazer a edição quando o tempo está meio feio. Na verdade, assim, temos alguns contratempos, a primeira é a questão do consumo de bebida alcóolica que sempre esteve muito presente no evento. As pessoas levam bebidas para consumir durante os shows, antigamente era o famoso tubão, hoje em dia levam cerveja, então é um dos grandes contratempos, pois é uma lei municipal que diz que não pode ser consumido bebidas alcóolicas em lugares públicos, não é que nós da fundação não queremos, para gente é indiferente, e sim por ser uma lei municipal. O problema também é que existem pessoas e pessoas. Existem aquelas pessoas que levam suas cervejinhas e são bem tranquilas e há aquelas que vão lá e exageram. Existe também o fato de muitos serem menores de idade e estarem consumindo bebidas.

Mas assim, nunca tivemos relato nenhum de confusão por motivos de bebidas alcóolicas e brigas, ou algo desse tipo. O que a gente nota é que há a presença de muitos moradores de rua que vão ali para se divertir e as vezes eles bebem um pouquinho a mais e ficam ali pela frente dançando se divertindo, as vezes sobem no palco ou nas caixas de som, não só eles, mas pessoas do público mesmo, o perigo é sempre esse, as vezes por a pessoa estar meio alcoolizada, pode acabar caindo e se machucando, mas nunca tivemos problemas com isso. Nunca tivemos casos de violência. A única vez que teve assim um B O mais crítico e que tivemos que chamar o SAMU, foi uma vez que um rapaz estava participando do famoso “*mosh*”, aí não sei se empurraram ele muito forte ou como aconteceu, eu sei que ele caiu e quando caiu bateu com a cabeça na plataforma da estação e logo começou a sangrar. Foi chamado o SAMU, o rapaz foi atendido ali no local mesmo e ficou bem, o que aconteceu foi que o pessoal viu a viatura e logo começou a rolar o boato de que havia dado briga, e na verdade não era isso.

Então assim, esse tipo de acontecimento não compete a nós, o nosso papel aqui é levar cultura, é logico que há uma preocupação com a segurança do local e tudo mais, mas o que não pode ser feito é disponibilizar uma viatura especialmente para o “Sexta as Seis”, porque sabemos que tanto o SAMU como a polícia precisam estar atendendo a cidade toda, então essa é uma situação que não compete a nós. Mas agora a gente nota que há um posto de atendimento da guarda municipal ali próximo ao local do evento, então eles sempre estão dando uma volta por ali, se há uma situação meio suspeita eles já param e resolvem, então assim, nunca tivemos problemas.

Sobre o comércio de bebidas: É algo que não tempos como impedir de pessoas irem lá e venderem. Porque assim, a prefeitura possui um contrato com um grupo de comerciantes de Ponta Grossa, então todo evento da prefeitura esses comerciantes são convidados a participar, irem lá e venderem seus produtos, então todo evento da prefeitura a ACIPG está presente, aí como na abertura do “Sexta as Seis” o Wander Wildner veio tocar e teve muita gente, foi disponibilizado para que a ACIPG estivesse vendendo chopp e comidas, mas era pra ser só naquele dia, aí o pessoal achou que podia nos outros dias também, vamos analisar isso.

Como analisam o “Sexta às Seis”: Analisamos como positivo para cidade, a gente vê que os músicos se esforçam para fazer algo bacana para o público, as músicas autorais são de boa qualidade. Nessa edição abriu espaço para todos os estilos o que abrange um público maior, abriu se um leque maior de oportunidade para essas bandas que não tocam apenas o rock poderem estar participando. Em relação ao público, a gente nota uma heterogeneidade, a gente vê senhores de idade curtindo, vê famílias com crianças, nota-se um público bem diversificado. Acreditamos que o “Sexta as Seis” é uma forma de levar a música para pessoas, de levar cultura para as pessoas, mostrar o potencial cultural musical da cidade para as pessoas da cidade. Não há a exclusão de ninguém nesse projeto, todos podem estar participando, achamos que é por isso que deveria continuar.

É uma forma de levar lazer para as pessoas. Porque antigamente quando o “Sexta as Seis” foi criado, não havia terminal de ônibus, havia a praça em frente ao colégio Regente Feijó onde todos os ônibus se concentravam ali para o embarque e desembarque das pessoas, então tinha pessoas que ficavam muito tempo esperando o ônibus, reunia se um número muito grande de pessoas, o “Sexta as Seis” foi uma maneira de amenizar esse tumulto, a pessoas poderiam ficar ali até o fim do evento, apreciar as atividades e depois voltar para casa em um ônibus menos lotado, sem falar que as apresentações eram bem ecléticas, havia dança, sertanejo, gaúcho, bossa nova, rock, era bem eclético. O que a gente notou é que como o “Sexta as Seis” é um evento que já existe a muito anos, foi uma das poucas oportunidades que os músicos da cidade tinham para mostrar seus trabalhos, fazendo do “Sexta às Seis” um evento muito procurado, já ouvimos de pessoas falarem “O meu sonho é tocar no palco do Sexta às Seis” aqui nota-se o alcance do “Sexta às Seis” enquanto uma possibilidade de visibilidade dos músicos.

No ano de 2005 como era outra gestão o que estava acontecendo, é que estavam sendo trazidas muitas bandas de fora da cidade, deixando de dar valor para as bandas locais, pois o responsável pegou um evento que tinha um proposito que era incentivar as bandas locais e começou a dar uma outra cara, importando se apenas com as bandas que tinham um potencial grande de atração de público, trazendo muitas bandas de fora, o que foi muito criticado pelos próprios músicos de Ponta Grossa, estava perdendo a característica do projeto original.

No ano de 2014 como era outra gestão, o responsável pelo evento que era mais próximo do rock foi aproximando o “Sexta às Seis” mais para o lado do rock. O que fez do “Sexta as Seis” um projeto mais seletivo nesse quesito. Lógico que o ponto positivo foi o incentivo as bandas de rock de Ponta Grossa, mas ao mesmo tempo não abria a oportunidade de outros estilos serem apresentados.

Sobre o processo de seleção: Sabemos que sempre haverá críticas. Mas o processo de seleção das bandas do “Sexta as Seis” é totalmente democrático e criterioso. No caso abre-se o edital com um período de inscrição, as bandas enviam os áudios, nós numeramos esse material sem identificar os nomes dos músicos e das bandas e enviamos para os analistas, essa análise é feita às cegas, os analistas nos devolvem com as notas de cada banda, há uma análise de critérios técnicos, e não uma escolha por afeto. As escolhas das datas também são feitas através de sorteios com integrantes presentes de cada banda, nesse dia eles analisam se a data é viável, se a banda que vai tocar no mesmo dia é de um estilo parecido então é tudo feito de uma forma bem democrática mesmo.

De 2014 para 2017 houve um aumento de bandas tanto inscritas como selecionadas, o valor da premiação também aumentou, a intenção é que em 2018 essa premiação aumente mais um pouco. Porque o que que acontece, a gente vê que existem algumas bandas que tem três integrantes dividindo esse valor, mas assim como existem bandas com 6 ou 7 integrantes, acaba que esse valor fica baixo.

A visão do poder público sobre o projeto em espaços públicos; o ponto mais positivo é a valorização das bandas locais, é um evento público e gratuito e a intenção de fazer em um espaço público é justamente para que todo mundo possa participar, aí acaba entrando uma outra questão que é a valorização dos espaços públicos da cidade, através desse tipo de evento possibilita que as pessoas possam estar frequentando esses espaços. Então, estamos com um projeto novo em

andamento da mesma perspectiva do “Sexta as Seis”, de levar cultura, música para os espaços públicos dos bairros da cidade.

Reclamações em relação ao “Sexta às Seis”: Desde 2014 houve apenas um caso, mas na verdade houve um mal-entendido. Havia um grupo de fanfarra que ensaiava todas as sextas feiras a partir das 22 horas próximo à estação, então que que aconteceu, as pessoas que moravam ali perto começaram a pensar que todo aquele barulho era do evento, ligaram reclamado e eu esclareci que o evento do Sexta às Seis acontecia até as 22 horas no máximo, após esse horário já não eram atividades ligadas ao projeto, então não tinha como a fundação se responsabilizar por aquilo. Depois de um tempo que fomos descobrir que o barulho era do pessoal da fanfarra que estava ensaiando, não era nem do público frequentador do “Sexta as Seis” e tudo foi resolvido.

Em relação a utilização do espaço público: Foi pensado em fazer nesse espaço exatamente pela estrutura física do local, a gente vê que tem muitas lojas comerciais próximo ao parque ambiental, tem lanchonetes, tem o shopping e tem algumas casas, a solução para que o barulho não incomodasse os vizinhos foi montar o palco em direção ao shopping, para que o som se propagasse para o shopping já que as atividades de lá vão até as 22 horas.

Políticas públicas; A gente não trabalha com nenhuma política pública de incentivo à cultura no “Sexta as Seis” por enquanto, mas está em andamento quem sabe para os anos futuros, uma parceria com o Banco do Brasil, com a ajuda de custo e estamos com uma ideia de fazer a gravação de um dvd do “Sexta às Seis”.

Críticas negativas em relação ao projeto: Nunca ouvimos de outros departamentos falarem nada negativo sobre o “Sexta as Seis’, porque foi sempre bem planejado e estudado em relação ao público que seria atendido, em relação a estrutura. Então o “Sexta as Seis” é um dos únicos eventos públicos da prefeitura que a gente sabe que sempre haverá público, então os gastos são justificados através desse público, tem a inserção da sociedade ali, isso já justifica manter o “Sexta as Seis”.

APÊNDICE A 4- Perguntas utilizadas na pesquisa com os músicos.

1) Nome
2) Idade
3) Banda ou grupo musical que faz parte
4) Quantas vezes tocou no “Sexta às Seis”?
5) O que sentiu quando subiu ao palco do “Sexta às Seis” pela primeira vez?
6) Tocar no “Sexta às Seis” foi importante para a banda? Por quê?
7) O que mais lhe agrada no projeto “Sexta às Seis”? (Estrutura, espaço que ocorre, organização, etc)
8) O que mais lhe desagrada no projeto “Sexta às Seis”? (Estrutura, espaço que ocorre, organização, etc)
9) Possui alguma memória ou experiência vivida durante o “Sexta às Seis” que você gostaria de compartilhar nessa pesquisa?
10) O edital 002/2017 que fala sobre o processo de seleção das bandas no ano de 2017 “podem se inscrever grupos, conjuntos e bandas ponta-grossenses, de diferentes estilos musicais com, no mínimo, três integrantes”. O que você achou dessa mudança?
11) Você acredita ser uma boa iniciativa da prefeitura municipal e da fundação municipal de cultura, utilizar espaços públicos, como é o caso do “parque ambiental” através de eventos culturais? Por quê?
12) O que representa a música para você?
13) De 0 a 10, qual a importância da música para você

APÊNDICE A5- Transcrição das entrevistas feitas com os músicos participantes do “Sexta às Seis”.

Entrevista realizada no dia 05 de maio de 2017.

Nome: Jocimar Valentim de Oliveira.

Idade: Certeza? 40 anos, 4.0.

Banda ou Grupo Musical: Garimpeiros da Lua, Rock and Roll Band.

Quantas vezes tocou no Sexta às Seis? Eu já perdi as contas, mas que eu me lembro deve ter sido umas cinco ou seis vezes.

O que sentiu quando subiu ao palco do “Sexta às Seis” pela primeira vez? A vantagem de tocar em Ponta Grossa, apesar do público ser pequeno, no caso, não é um público muito grande, parece que uma parcela desse público tem preguiça de comparecer, mas o calor do público de Ponta Grossa é o diferencial, por isso que existem muitas bandas que tocam em “PG” e sai falando bem da cidade.

Tocar no Sexta às Seis foi importante para a banda? Por quê? Sim, lógico que foi importante, porque é um evento da cidade, é uma parada cultural que traz os pontagrossenses para frente do palco, passa-se a conhecer bandas de PG, não é um evento que traz bandas de fora, então é emocionante porque estamos com pontagrossenses na frente de uma banda de pontagrossenses”.

O que mais lhe agrada no espaço em que ocorre o Sexta às Seis? É todo esse conjunto, energia, o fato de ser algo de pontagrossense para pontagrossense.

O que mais lhe desagrada no espaço em que ocorre o Sexta às Seis? O que desagrada no “Sexta às Seis”, é não ter um ponto fixo, antigamente ocorria na Concha Acústica da Barão do Rio Branco, conhecido como ponto azul, depois Estação Ponta Grossa, então é isso. O “Sexta às Seis” não tem lugar, toca aqui, toca ali, não tem um ponto fixo para as apresentações.

Possui alguma memória ou experiência vivida durante o Sexta às Seis que você gostaria de compartilhar nessa pesquisa? Eu não sei se felizmente ou se infelizmente, eu vi Ratos de Porão, João Gordo, tocando no “Sexta às Seis” na Barão do Rio Branco, não existia esse terminal aqui, Ponta Grossa não tinha shopping center. E eu vi Ratos de Porão tocando lá, isso foi uma coisa que mexeu muito comigo e me incentivou a ter uma banda.

O EDITAL 002/2017 que fala sobre o processo de seleção das bandas no ano de 2017 “podem se inscrever grupos, conjuntos e bandas pontagrossenses,

de diferentes estilos musicais com, no mínimo, três integrantes". O que você achou dessa mudança? Independente se é rock, se é MPB, se é sertanejo, se for uma coisa bem-feita, que agrada ao público, está valendo.

Você acredita ser uma boa iniciativa da Prefeitura Municipal utilizar espaços públicos como é o caso do Parque Ambiental através de eventos culturais? Por quê? O negócio tem que ser de graça, entendeu, as bandas quando forem participar de eventos e projetos culturais não podem esperar cachês com valores altos, tem que ser cultural para chamar quem é mais novo, porque as bandas vão ganhar dinheiro de eventos privados, não que tenha que tocar de graça, não é isso que eu estou falando, o valor pode ser simbólico, e proporcionar eventos gratuitos como o "Sexta às Seis" é ótimo.

Entrevista realizada no dia 02 de junho de 2017.

Nome: Felipe Oliveira.

Idade: 29 anos.

Banda ou grupo musical que faz parte: Big Fish Blues.

Quantas vezes tocou no "Sexta às Seis"? Acho que é a segunda vez que a gente toca.

O que sentiu quando subiu ao palco do "Sexta às Seis" pela primeira vez? Frio, (risos). A gente tocou nessa mesma época o ano passado, e estava muito frio. Era perto de um outro festival que teve também naquela noite. Lembro que naquela noite fez 0°, quando a gente tocou, estava muito frio. Eu acho muito bom tocar para galera que não pode ir nos bares, porque hoje em dia está caro, a questão do chope artesanal, geralmente o valor da entrada é R$15,00, não é todo mundo que pode ir em um boteco curtir uma banda né? Então, som na rua é uma das metas e uma das soluções para gente. A gente adora tocar na rua em espaços públicos.

Tocar no "Sexta às Seis" foi importante para a banda? Por quê? "Sim, tanto pela questão de você conseguir abranger um público que não frequenta os bares e gostaria de frequentar e não pode e também para o público geral mesmo, para todas as pessoas conhecer um som novo, de repente não tem acesso ou às vezes não se interessa muito por músicas e passa aqui do lado do terminal e ouvir um blues por exemplo que dificilmente acontece na cidade e elas têm a oportunidade de conhecer uma música diferente, esse é um dos nossos objetivos também.

O que mais lhe agrada no projeto "Sexta às Seis"? (Estrutura, espaço que ocorre, organização, etc). É justamente essa liberdade, ser um local público, em todos os sentidos, todo mundo pode vir aqui não tem restrição nenhuma, a gente vê família, vê bastante criança aqui, as pessoas em situação de rua, ouvindo um som como se fosse um presente, eles são os que mais gostam, eles ficam na frente do palco adorando a música. Isso que é muito bom sabe.

O que mais lhe desagrada no projeto "Sexta às Seis"? (Estrutura, espaço que ocorre, organização, etc). Ah! Sim, tudo tem seu lado bom e seu lado ruim né, lógico que é uma atitude louvável, é um projeto muito bom da Prefeitura etc, mas é lógico que vão ter defeitos. Particularmente eu não acho que aqui seja o melhor lugar, poderia ter outro lugar na praça talvez, ou um coreto fixo. O som nem sempre é legal, o tratamento que a gente tem no palco é maravilhoso, mas ouvindo a banda na TV soa muito ruim. Eu já vi bandas muito boas que eu conheço todos os músicos, mas na TV soa como banda amadora, então quer dizer que algo errado está acontecendo, não está dando o devido valor a arte dos músicos, mas isso, é uma questão que pode ser melhorada aos poucos, eu acredito.

Possui alguma memória ou experiência vivida durante o "Sexta às Seis" que você gostaria de compartilhar nessa pesquisa? Na época que acontecia o "Sexta" na praça do Regente, aquela é a saudosa, dez ou mais anos atrás, aquilo deixa saudades, todas as noites foram memoráveis, todas, não tem como falar de uma em específico.

O edital 002/2017 que fala sobre o processo de seleção das bandas no ano de 2017 "podem se inscrever grupos, conjuntos e bandas ponta-grossenses, de diferentes estilos musicais com, no mínimo, três integrantes". O que você achou dessa mudança? Legal, legal!

Você acredita ser uma boa iniciativa da prefeitura municipal e da fundação municipal de cultura, utilizar espaços públicos, como é o caso do "parque ambiental" através de eventos culturais? Por quê? "Claro, eu não acho que é só importante, mas é um dos caminhos. Não damos o devido valor para cultura, porque ela tem um efeito que não é imediato. Mas a longo prazo ela pode, ela pode não, ela vai entrando na cabeça das pessoas, a cultura vai entrando no imaginário coletivo e vai compondo uma sociedade mais culta, de modo geral. É válido, com certeza, o investimento em cultura não pode parar.

Entrevista realizada no dia 09 de junho de 2017.

Nome: Vitor Paes.

Idade: 26 anos.

Banda ou grupo musical que faz parte: Mocken Raggae.

Quantas vezes tocou no "Sexta às Seis"? Duas vezes, essa é a segunda.

O que sentiu quando subiu ao palco do "Sexta às Seis" pela primeira vez? Ah! A energia do público na verdade é o que conta mais.

Tocar no "Sexta às Seis" foi importante para a banda? Por quê? Muito! Muito, pela divulgação da banda.

O que mais lhe agrada no projeto "Sexta às Seis"? (Estrutura, espaço que ocorre, organização, etc). A energia do público, a energia da galera contagia.

O que mais lhe desagrada no projeto "Sexta às Seis"? (Estrutura, espaço que ocorre, organização, etc). Nada, nada. É um evento muito bom mesmo.

Possui alguma memória ou experiência vivida durante o "Sexta às Seis" que você gostaria de compartilhar nessa pesquisa? Eu vim ao "Sexta", acho que ouvi Cadillac, aí já fiquei bem entusiasmado com o evento, porque Cadillac é Cadillac. Acho que isso ocorreu a uns 4 anos atrás, não me recordo muito bem.

O edital 002/2017 que fala sobre o processo de seleção das bandas no ano de 2017 "podem se inscrever grupos, conjuntos e bandas ponta-grossenses, de diferentes estilos musicais com, no mínimo, três integrantes". O que você achou dessa mudança? Eu acho que tem que ter espaço para todo mundo, do rock ao sertanejo, todo mundo merece essa oportunidade.

Você acredita ser uma boa iniciativa da prefeitura municipal e da fundação municipal de cultura, utilizar espaços públicos, como é o caso do "parque ambiental" através de eventos culturais? Por quê? Eu acho importante, porque se fosse um lugar privado teria que ter a cobrança de valor de entrada, nem todo mundo consegue pagar, eu acho que por ser público, todo mundo tem acesso ao evento.

O que representa a música para você? Tudo, tudo que eu faço no meu dia a dia eu faço ouvindo música. É tudo.

De 0 a 10, qual a importância da música para você: Dez, muito importante.

Entrevista realizada no dia 02 de junho de 2017.

Nome: Rafael Moraes.

Idade: 32 anos.

Banda ou grupo musical que faz parte: Lula's Bitucas.

Quantas vezes tocou no "Sexta às Seis"? Três vezes.

O que sentiu quando subiu ao palco do "Sexta às Seis" pela primeira vez? Oportunidade! É o lugar para você expor o que pensa.

Tocar no "Sexta às Seis" foi importante para a banda? Por quê? Muito importante. Foi lindo.

O que mais lhe agrada no projeto "Sexta às Seis"? (Estrutura, espaço que ocorre, organização, etc). A gente nasceu no bairro, lá longe, não éramos vistos, a gente não tem muito estudo. Então o "Sexta" é uma oportunidade de você ir lá e falar o que pensa, pois, no bairro também tem cultura, muita cultura.

O que mais lhe desagrada no projeto "Sexta às Seis"? (Estrutura, espaço que ocorre, organização, etc) O que eu não curto? Não tem o que eu não curto assim. Eu vejo muita possibilidade nesse projeto, de conhecer pessoas, eu conheci muita gente aqui. Eu tenho trabalho graças ao "Sexta as Seis". A gente conhece muita gente que se mexe, que não fica parado, que não fica trancado dentro de casa, que sai para interagir. É um espaço bom para interagir.

Possui alguma memória ou experiência vivida durante o "Sexta às Seis" que você gostaria de compartilhar nessa pesquisa? Eu lembro, fora que conheci muita gente, a melhor época do "Sexta as Seis" foi acho quando ocorria no ponto azul, mas que teve um "Sexta às Seis" que foi no estacionamento do Muffato, que vi Relespública, e eu curtia muito Relespública na época. Cara! Eu saí do trabalho e cheguei lá e vi o vocalista do Relespública, e o cara fazia assim (sinal obsceno), foi uma parada, meio que um contato real com a cultura que acontecia, os caras estavam gravando com o Ira, aquilo ali não era televisão, não era internet, era uma coisa que acontecia de verdade.

O edital 002/2017 que fala sobre o processo de seleção das bandas no ano de 2017 "podem se inscrever grupos, conjuntos e bandas ponta-grossenses, de diferentes estilos musicais com, no mínimo, três integrantes". O que você achou dessa mudança? Eu acho que não mudou nada. Acho que quem quiser continuar fazendo, vai continuar fazendo, independente do ritmo. Eu acho que esse é o espaço do rock n roll, vai vir uma banda de música gaúcha aqui só que eles não vão ser tão bem acolhidos, é verdade, talvez eles não se sintam tão bem porque

não é o lugar que eles estão acostumados a tocar, mas deixe que venham, tem espaço para todo mundo. Eu só acho que tem que ter espaço para música que seja de verdade, não música de receitinha pronta e músicas que copiam coisas que tocam na rádio todo dia. Tem que ser algo cultural, para mudar mesmo. O “Sexta as Seis” é atemporal. Não é da prefeitura, é um direito conquistado, você não pode retirar. É um direito conquistado. Acho que faz até a gente se mexer também, " Vamos perder esse espaço nosso? Vamos perder para o sertanejo de volta?" Por que os caras se mexem, a galera que faz música que vende, música mercadológica, esses caras se mexem muito e nós ficamos muito parados, nós que fazemos música para refletir, para tocar o interior das pessoas, somos meio parados.

Você acredita ser uma boa iniciativa da prefeitura municipal e da fundação municipal de cultura, utilizar espaços públicos, como é o caso do “parque ambiental” através de eventos culturais? Por quê? É para isso que servem esses espaços, vai ficar enfeitando a pracinha, colocando coelhinho e tirar as pessoas? Cara, isso é tudo nosso. É para nós!

O que representa a música para você? Para mim a música é sentimento, não é aquela coisa de trabalho. A música é tua fuga para você ser você mesmo.

De 0 a 10, qual a importância da música para você: Para mim é 11. Tudo que dá errado ou que dá certo na minha vida eu tento passar na música, tudo, tudo, tudo.

Entrevista realizada no dia 30 de junho de 2017.

Nome: João Pedro Carneiro

Idade: 23 anos

Banda ou grupo musical que faz parte: Maiden Rules

Quantas vezes tocou no “Sexta às Seis”? Essa é a segunda vez.

O que sentiu quando subiu ao palco do “Sexta às Seis” pela primeira vez? Foi maravilhoso para mim porque, desde que eu comecei na carreira da música e tocando nos lugares, eu imaginava tocar no “Sexta”, aí quando eu comecei a tocar o projeto deu uma pausa, ficou alguns anos sem acontecer e quando a gente conseguiu entrar, foi maravilhoso para mim, foi uma realização pessoal e foi mágico, desde o nosso primeiro show a galera gostou bastante da banda e do que a gente tocou, a gente ficou muito feliz, eu e a banda.

Tocar no “Sexta às Seis” foi importante para a banda? Por quê? Muito importante, uma das coisas mais legais que a gente já teve como projeto para show e foi bem bacana.

O que mais lhe agrada no projeto “Sexta às Seis”? (Estrutura, espaço que ocorre, organização, etc). É o público poder acompanhar, a galera que gosta do rock, poder acompanhar um bom show com as bandas da cidade, com um bom palco, com uma boa iluminação, um show como realmente deve acontecer, porque oportunidades na cidade são poucas, então eu acho que a coisa mais legal é você ver que todo mundo que está aqui, está porque gosta, porque quer fazer parte de um projeto, e as bandas, as pessoas, isso é a coisa mais legal.

O que mais lhe desagrada no projeto “Sexta às Seis”? (Estrutura, espaço que ocorre, organização, etc). Olha, generalizando um pouco a questão, talvez algumas pessoas que não sabem respeitar o ambiente, o pessoal que exagera, ou acabam exagerando muito na bebida alcóolica e acabam atrapalhando um pouco o espetáculo para os outros, acabam faltando com respeito. Mas não é um problema do projeto né, é um problema mais geral, de algumas pessoas.

Possui alguma memória ou experiência vivida durante o “Sexta às Seis” que você gostaria de compartilhar nessa pesquisa? Algumas pessoas que eu conheci, porque quando eu comecei a sair, a prestigiar os eventos de rock da cidade era no “Sexta as Seis”, lá na Praça Barão do Rio Branco, eu conheci muitos amigos, eu era um cara novo então, muita gente que eu conheci foi lá e comecei a conhecer mais o grupo através do projeto, as pessoas que gostam desse gênero e grandes amigos que acabei fazendo lá então, a melhor coisa eu acredito que foi isso.

O edital 002/2017 que fala sobre o processo de seleção das bandas no ano de 2017 “podem se inscrever grupos, conjuntos e bandas ponta-grossenses, de diferentes estilos musicais com, no mínimo, três integrantes”. O que você achou dessa mudança? Olha, eu sou um pouco indiferente a isso, porque todo mundo que passou e foi tocar no “Sexta” foi merecedor, pois há grandes avaliadores, como o maestro Juliano Amaral, pessoas que tem anos de experiência musical e sabem muito bem o que estão fazendo, mas o assunto mais importante é esse, porque eu acho que a aceitação do público, que já é um costume a 28 anos tem o “Sexta as Seis”, e esse foi o primeiro ano que não teve só bandas de rock, acho que é a aceitação do público que talvez goste de outros estilos não venham para o evento, porque talvez ache que o projeto é só de rock, ou a galera do rock as vezes

também, a pessoa não gosta muito, não que a gente seja preconceituoso, mas as vezes não é muito afim, não vem prestigiar porque é outro estilo e tudo mais.

Você acredita ser uma boa iniciativa da prefeitura municipal e da fundação municipal de cultura, utilizar espaços públicos, como é o caso do "parque ambiental" através de eventos culturais? Por quê? Muito importante, é um lugar bem no centro, ao lado do terminal central, tem pista de skate, então é um lugar acessível para várias pessoas, mesmo quando não tinha o projeto aqui, as pessoas fazem caminhadas, andam de skate, então eu acho muito importante, porque várias pessoas podem ter acesso a isso e várias pessoas de diferentes estilos, então eu acredito que o lugar é muito interessante, essa estrutura, bem iluminado, está bem legal o parque ambiental, então eu gostei, eu aprovo esse tipo de atividade nesse tipo de lugar.

O que representa a música para você? Para mim é muito importante, porque desde pequeno sempre fui movido a música e preferi estudar e sempre tive o sonho e a vontade de crescer com um projeto musical, e ser reconhecido por isso.

De 0 a 10, qual a importância da música para você: Para mim é dez mesmo, muito importante.

Entrevista realizada no dia 07 de julho de 2017.

Nome: Digo Bitar.

Idade: Tenho 24 anos.

Banda ou grupo musical que faz parte: Sou vocalista da banda Índigo.

Quantas vezes tocou no "Sexta às Seis"? A gente está tocando pela segunda vez, é o segundo ano que a gente se inscreve.

O que sentiu quando subiu ao palco do "Sexta às Seis" pela primeira vez? Fantástico, uma experiência indescritível que junta um público que geralmente as bandas tem dificuldade de formar, é um público que passa de uma centena, e é uma oportunidade única pela estrutura e tudo que a Fundação oferece para nós músicos.

Tocar no "Sexta às Seis" foi importante para a banda? Por quê? Com certeza, tira a banda de um status e coloca em outro dentro da cidade.

O que mais lhe agrada no projeto "Sexta às Seis"? (Estrutura, espaço que ocorre, organização, etc). A energia do público e oportunidade de tocar música

própria o que é uma grande dificuldade dentro do cenário pontagrossense e dos campos gerais.

O que mais lhe desagrada no projeto "Sexta às Seis"? (Estrutura, espaço que ocorre, organização, etc). É um festival que, como eu poderia dizer, ainda não atrai todos os tipos de público, ao que me parece atrai um tipo de público segmentado que vem as vezes para beber e fumar e não simplesmente para curtir uma música.

Possui alguma memória ou experiência vivida durante o "Sexta às Seis" que você gostaria de compartilhar nessa pesquisa? Na verdade toda pessoa que tem uma banda de rock ou uma banda de música em Ponta Grossa tem o sonho de tocar no "Sexta as Seis", então a gente conseguiu realizar esse sonho duas vezes.

O edital 002/2017 que fala sobre o processo de seleção das bandas no ano de 2017 "podem se inscrever grupos, conjuntos e bandas ponta-grossenses, de diferentes estilos musicais com, no mínimo, três integrantes". O que você achou dessa mudança? Achei interessante, dá a oportunidade para todos.

Você acredita ser uma boa iniciativa da prefeitura municipal e da fundação municipal de cultura, utilizar espaços públicos, como é o caso do "parque ambiental" através de eventos culturais? Por quê? Importante não, eu acho necessário, fundamental, se não fosse a Fundação auxiliar a gente nisso, nesse tipo de evento musical, não sei quem auxiliaria, os donos de bares é que não.

O que representa a música para você? Sem a música não tem vida.

De 0 a 10, qual a importância da música para você: 1000.

Entrevista realizada no dia 07 de julho de 2017.

Nome: Fabio Ricardo Ribeiro, mais conhecido como Fabinho Ribeiro.

Idade: 41 anos.

Banda ou grupo musical que faz parte: Banda Blues na Estrada.

Quantas vezes tocou no "Sexta às Seis"? Eu não lembro, porque na verdade faz mais de 10 anos que a gente participa do "Sexta as Seis".

O que sentiu quando subiu ao palco do "Sexta às Seis" pela primeira vez? Era lá na Concha Acústica ainda, mas eu não lembro da situação, mas deve ter sido emocionante porque eu lembro que o "Sexta as Seis" já era um projeto conhecido e já tinha rolado Viper, já tinha rolado bandas nacionais, e a gente foi convidado para

tocar. Deve ter sido um momento bacana para nós, mas eu não lembro porque já faz muito tempo.

Tocar no “Sexta às Seis” foi importante para a banda? Por quê? Claro, até hoje é importante.

O que mais lhe agrada no projeto “Sexta às Seis”? (Estrutura, espaço que ocorre, organização, etc).

O que mais lhe desagrada no projeto “Sexta às Seis”? (Estrutura, espaço que ocorre, organização, etc). Eu acho que aqui na praça não me desagrada nada, é um espaço livre, democrático, nunca me desagradou, nunca teve confusão quando a gente tocou pelo menos, eu soube que teve outros dias de confusões no evento, mas quando a gente tocou nunca teve nada. O som sempre foi bom, sempre na medida do possível a gente tentou passar por cima dos problemas que tinha, ou o som ou horário, tudo mais. Para mim sempre foi ótimo.

Possui alguma memória ou experiência vivida durante o “Sexta às Seis” que você gostaria de compartilhar nessa pesquisa? Fabinho não lembrava, mas sua esposa falou: "A gente tinha brigado e era lá na Concha Acústica, e eu gravida, estava já de uns 7 meses e daí a gente estava já uns dois dias assim meio "mérrr" sabe (fez caretas), aí quando eu desci do carro na frente da praça ele começou a cantar, quando ele cantou meu menino deu um pulo na minha barriga, muito emocionante, muito massa, mas isso em 2006.O nome do filho deles é Nicolas.

O edital 002/2017 que fala sobre o processo de seleção das bandas no ano de 2017 “podem se inscrever grupos, conjuntos e bandas ponta-grossenses, de diferentes estilos musicais com, no mínimo, três integrantes”. O que você achou dessa mudança? Melhor porque, você veja o Rock, Ponta Grossa sempre teve ótimas bandas de *rock* mas também tem bandas ótimas de outros estilos, tem que ser cedido espaço pra todo mundo, como o “Sexta as Seis” é um espaço democrático, eu acho que só o rock fica pouco. Mas a gente sabe que a principal vertente é o *rock n roll*, mas eu concordo, plenamente.

Você acredita ser uma boa iniciativa da prefeitura municipal e da fundação municipal de cultura, utilizar espaços públicos, como é o caso do “parque ambiental” através de eventos culturais? Por quê? Muito boa, melhor possível, devia ter mais vezes, toda semana, mais vezes na semana, em mais lugares, em praças e é o único evento que é democrático para todo mundo e a gente pode mostrar o trabalho que está fazendo na noite e em eventos e bares e trazer para um

público que as vezes não tem acesso a esses locais, à um público que está trabalhando, que está passando e para ouvir.

O que representa a música para você? A música é tudo, sempre foi tudo.

De 0 a 10, qual a importância da música para você: 10.

Entrevista realizada no dia 07 de julho de 2017.

Nome: Jessé Rodrigo B. da Silva.

Idade: Tenho 27 anos.

Banda ou grupo musical que faz parte: Banda Asteróids.

Quantas vezes tocou no "Sexta às Seis"? Essa é a segunda vez.

O que sentiu quando subiu ao palco do "Sexta às Seis" pela primeira vez? Veja, o "Sexta às Seis" na verdade por ser um projeto antigo, já desde a adolescência quando eu comecei a tocar, a gente via que era meio utópico de acontecer, então a primeira vez foi ano retrasado que tocamos, deu aquela sensação assim "Estou aparecendo para Ponta Grossa" então foi mais ou menos isso, a banda já tinha até um certo público, mas tocar no "Sexta às Seis" é diferente.

Tocar no "Sexta às Seis" foi importante para a banda? Por quê? Foi muito importante.

O que mais lhe agrada no projeto "Sexta às Seis"? (Estrutura, espaço que ocorre, organização, etc). Eu acho que a possibilidade de todo mundo vir, tem um público bem heterogêneo, tem um pessoal bem novo, os adolescentes e um pessoal com mais idade, eu acho que tendo esse espaço aqui possibilita até a pessoa ter uma coisa diferente, às vezes o pessoal que não tem tanta condição de ir para um show, ir para um teatro ou uma coisa assim, aqui é o lugar de oportunidade que as pessoas têm para ter isso, esse entretenimento.

O que mais lhe desagrada no projeto "Sexta às Seis"? (Estrutura, espaço que ocorre, organização, etc). Hoje não teve, mas eu já soube de situações onde teve briga, isso não é saudável para ninguém, hoje foi tranquilo, não vi pelo menos nenhum tumulto, nem nada, o pessoal se divertiu bastante. Mas eu acho que esse tipo de situação é sempre desagradável.

Possui alguma memória ou experiência vivida durante o "Sexta às Seis" que você gostaria de compartilhar nessa pesquisa? Olha, eu lembro de bandas e participações de renome que vieram, eu não vou lembrar o ano, mas Aquiles Prister

que é ex baterista do Angra veio tocar no “Sexta”, aquela vez foi muito legal porque o cara estava ali, a gente só escutava a música e via vídeos e tal, mas aquela vez ele estava ali tocando ao vivo ali, foi bem interessante. E quando uma outra banda, hoje eu não sei como ela está porque eu não acompanhei mais, mas, na época ela estava meio que estourando assim era a Banda Burning in Hell, eu cresci ouvindo *Heavy metal* na verdade, eu toco anos 80 mas eu cresci ouvindo e tocando *heavy metal*. Na época, o estilo que eles tocavam era o que eu ouvia muito, então essas duas situações foram bem marcantes.

O edital 002/2017 que fala sobre o processo de seleção das bandas no ano de 2017 “podem se inscrever grupos, conjuntos e bandas ponta-grossenses, de diferentes estilos musicais com, no mínimo, três integrantes”. O que você achou dessa mudança? Interessante.

Você acredita ser uma boa iniciativa da prefeitura municipal e da fundação municipal de cultura, utilizar espaços públicos, como é o caso do “parque ambiental” através de eventos culturais? Por quê? Com certeza, como eu falei, as vezes as pessoas não tem tanta condição e se torna até um espaço de entretenimento, acho que as pessoas acabam aproveitando muito isso, hoje à tarde eu estava conversando com uma colega de trabalho a respeito disso, e de um tempo pra cá está acontecendo muito, nós inclusive já temos outras apresentações marcadas também em eventos da prefeitura, então eu acho que isso é uma forma de levar cultura ao povo, a população que não tem muitas condições e fazer isso até nos bairros, levar coisas diferentes para as pessoas.

O que representa a música para você? Faz 13 anos que eu toco já, eu comecei por influência do meu irmão, eu sempre tive meu irmão assim como uma grande referência, Robson o nome dele, ele não mora mais aqui, está no Rio Grande do Sul, ele toca também mas mais por *hobbie* assim, hoje ele não está com banda nem nada, mas eu comecei a tocar por causa dele , por influência dele e até as músicas que eu ouvia, *rock* e *heavy metal* assim foi por influência dele também e eu acho que a música te proporciona momentos né, como esse aqui por exemplo, é muito gratificante porque o povo vem reconhecer depois você e outra coisa assim que a música traz é um relaxamento, serve até como uma forma de desestressar, além de contribuir, eu por exemplo tive muita contribuição vinda da música, depois que comecei a tocar eu vi que a música era muito matemática, e isso me ajudou muito nessa relação. Então, acho que a música pode influenciar vários aspectos da vida.

De 0 a 10, qual a importância da música para você: 10.

Entrevista realizada no dia 24 de julho de 2017.

Nome: Silvio Mendes.

Idade: 34 anos.

Banda ou grupo musical que faz parte: Banda A Coisa.

Quantas vezes tocou no "Sexta às Seis"? Três vezes.

O que sentiu quando subiu ao palco do "Sexta às Seis" pela primeira vez? Satisfação.

Tocar no "Sexta às Seis" foi importante para a banda? Por quê? Sim, pela experiência, por ser um passo dado, pois por muitos anos fazíamos parte do público e prestigiamos belas apresentações.

O que mais lhe agrada no projeto "Sexta às Seis"? (Estrutura, espaço que ocorre, organização, etc) O fato de ser em praça pública.

O que mais lhe desagrada no projeto "Sexta às Seis"? (Estrutura, espaço que ocorre, organização, etc). Estrutura, nos anos que participamos o palco e som sempre deixando a desejar.

Possui alguma memória ou experiência vivida durante o "Sexta às Seis" que você gostaria de compartilhar nessa pesquisa? Sim, uma das vezes que participamos em outra administração, não recebemos o cachê.

O edital 002/2017 que fala sobre o processo de seleção das bandas no ano de 2017 "podem se inscrever grupos, conjuntos e bandas ponta-grossenses, de diferentes estilos musicais com, no mínimo, três integrantes". O que você achou dessa mudança? Sem sentido, quem perde é o projeto, pois um artista sozinho poderia apresentar um espetáculo.

Você acredita ser uma boa iniciativa da prefeitura municipal e da fundação municipal de cultura, utilizar espaços públicos, como é o caso do "parque ambiental" através de eventos culturais? Por quê? Claro, ocupação de espaço público, valoriza a cultura da cidade, formação de público, incentivo para artista locais, preservação e utilização de espaços históricos como concha acústica da praça barão do rio branco e Estação Saudade.

O que representa a música para você? Energia.

De 0 a 10, qual a importância da música para você: 10.

Entrevista realizada no dia 21 de julho de 2017.

Nome: Guilherme Santos.

Idade: Tenho 29 anos.

Banda ou grupo musical que faz parte: Carreira solo, é Guilherme Santos, geralmente chamo uma banda para se apresentar junto comigo.

Quantas vezes tocou no "Sexta às Seis"? Eu toquei duas. Uma com outro projeto e esse ano com meu trabalho novo

O que sentiu quando subiu ao palco do "Sexta às Seis" pela primeira vez? Ah! Eu achei bacana! Eu gostei muito porque é uma galera diferente que às vezes não vai muito nos bares que a gente toca, às vezes uma piazada mais nova também, ou as vezes uma turma que não tem condição de frequentar os bares pela questão do preço, uma galera com a grana um pouco mais curta chega para curtir no "Sexta as Seis".

Tocar no "Sexta às Seis" foi importante para a banda? Por quê? Com certeza, justamente por causa disso, por ter esse público a mais conhecendo o trabalho, além de ser uma galera bem enérgica, que estão ali para ver o show, escutar o som, muitas vezes a gente toca em bares que a galera não está lá para curtir o som, está lá trocando uma ideia com os amigos, bebendo alguma coisa e o que tocar beleza. No "Sexta as Seis" a galera está ali para escutar, então achei muito bacana isso.

O que mais lhe agrada no projeto "Sexta às Seis"? (Estrutura, espaço que ocorre, organização, etc). Me agrada a diversidade do público, me agrada também a organização, eu acho que é bacana a estrutura que eles montam, é uma estrutura profissional assim digamos, isso é importante também para as bandas que as vezes não tem tanta oportunidade, até mesmo eu, de tocar num palco profissional, e aí a gente vai aprendendo coisa nova também.

O que mais lhe desagrada no projeto "Sexta às Seis"? (Estrutura, espaço que ocorre, organização, etc). Antes me desagradava, é porque eu era do rock aí meio que mudei um pouco de estilo, estou fazendo música brasileira, eu ficava um pouco triste porque era só rock antes, mas agora mudou, abriu espaços para mais estilos etc. Então sei lá, não consigo me lembrar de algo que me desagrade, talvez, na vez passada que a gente tocou, atrasou um pouco o pagamento do cachê,

demorou e tal, e as vezes a gente está meio que contando com a grana. Mas dessa vez foi bem tranquilo.

Possui alguma memória ou experiência vivida durante o "Sexta às Seis" que você gostaria de compartilhar nessa pesquisa? Eu era universitário na época, e curtia lá na praça do ponto azul e eu lembro de eu ver essas duas vezes essa banda, que era uma banda de rock que eu gostava muito, e depois eu entrei na banda, que foi a primeira banda que eu toquei. Strêids. Eu era o guitarrista da banda. E daí foi um showzaço, muito massa, e na época eu estava meio paradão na música, ficava naquela "Nossa! Quero tocar, quero entrar numa banda" e acabou dando certo de eu entrar bem naquela que eu estava vendo.

O edital 002/2017 que fala sobre o processo de seleção das bandas no ano de 2017 "podem se inscrever grupos, conjuntos e bandas ponta-grossenses, de diferentes estilos musicais com, no mínimo, três integrantes". O que você achou dessa mudança? Eu achei maravilhoso. Não só por causa que eu não estou mais tocando rock, mas para abrir para galera né. Abre para geral. E sendo um lance público, nada mais justo que abrir para todos.

Você acredita ser uma boa iniciativa da prefeitura municipal e da fundação municipal de cultura, utilizar espaços públicos, como é o caso do "parque ambiental" através de eventos culturais? Por quê? Com certeza. Porque está proporcionando o show de graça para galera, mais gente pode vir e curtir né. E esse também é um horário bacana, porque eu acho que a ideia original era bem isso, fazer sexta às 6 horas, que pega a turma saindo do trabalho, e já tem um pouco de lazer para começar o final de semana.

O que representa a música para você? Muito importante, acho que mais que a música é minha família, mas música está lá, lado a lado.

De 0 a 10, qual a importância da música para você: 9.

Entrevista realizada no dia 21 de julho de 2017.

Nome: Felipe Brigola.

Idade: 29 anos.

Banda ou grupo musical que faz parte: Toquei com a Buckaroo Banzai, mas hoje faço parte da Orango Thunder.

Quantas vezes tocou no "Sexta às Seis"? Duas vezes, dois anos seguidos.

O que sentiu quando subiu ao palco do "Sexta às Seis" pela primeira vez? Misto de nervosismo com prazer, porque desde 2005 eu assistia shows e nunca estava com banda que mandava material para poder participar e foi bem legal tocar pela primeira vez depois de quase 10 anos assistindo. Era algo que eu precisava fazer.

Tocar no "Sexta às Seis" foi importante para a banda? Por quê? Foi um lance emocional, era um evento bem interessante, era um lance que a gente se reunia, a galera totalmente quebrada de ter moedas assim, e fazer intera[34] e fechar em 3 reais. Naquele espaço você podia se divertir tomar um gole e curtir um som de qualidade na faixa, era incrível aquilo, numa praça maneira quando era na concha acústica.

O que mais lhe agrada no projeto "Sexta às Seis"? (Estrutura, espaço que ocorre, organização, etc). Sei lá, para mim é bem interessante porque meus amigos curtem, é um lugar que eu vou encontrar um monte de gente conhecida de vários anos, mas o bom é isso, várias tribos, vários estilos e a galera está ali se respeita e se curte e confraterniza. Bem bonito.

O que mais lhe desagrada no projeto "Sexta às Seis"? (Estrutura, espaço que ocorre, organização, etc). Antes rolava uma certa repressão da Guarda Municipal, um lance meio que abusivo um pouco quando viam o pessoal bebendo e eles podiam resolver a coisa de melhor forma, mas agora os caras estão respeitando bastante e está bom. Talvez organizar melhor a parte do lixo e as bitucas de cigarro, que faz diferença.

Possui alguma memória ou experiência vivida durante o "Sexta às Seis" que você gostaria de compartilhar nessa pesquisa? Tem tanta coisa, mas deixa eu pensar, eu lembro que sempre era o início da noite de sexta, a gente se encontrava ali e dali a gente decidia o que ia fazer, então ali já começaram milhões de histórias, de começar ali e sair tocar em outro lugar e terminar sem saber o que aconteceu. Um evento que rolou no estacionamento do Muffato, rolou Patrulha do Espaço, rolou Relespublica, foi bem maneiro assim, encheu aquele estacionamento, bem maneiro.

O edital 002/2017 que fala sobre o processo de seleção das bandas no ano de 2017 "podem se inscrever grupos, conjuntos e bandas ponta-grossenses, de diferentes estilos musicais com, no mínimo, três integrantes". O que você achou dessa mudança? Eu achei bem massa, porque eu sempre achei

[34] Termo utilizado para indicar que há uma junção de valores.

estranho até aquele logo que era só folk, rock, etc, meio exclusivo, tipo excluía bastante gente. Para mim é um lance sobre música, deveria abrir para quem gosta, e se você ver não mudou muito, ficou bastante banda de rock ainda, você vê que é o que tem mais, então eu fiquei curioso quando fizeram essa alteração, será que interessa para essas pessoas tocarem ou é mais a galera que está no rock que pode tirar um troco ali, porque uma banda de gaúcho, já é mais comercial, já ganha mais grana, acredito eu, posso estar falando uma grande bobagem. Mas eu achei bem interessante, mas eu acho que eles deveriam focar mais em autoral mesmo, ter a obrigatoriedade de ter alguma coisa, ou ter vagas para quem quer participar como autoral, vagas para quem quer participar como executor de música. Deveria ser um incentivo para o pessoal compor, a galera vai se coçar para fazer uma música, participar e gravar, não só fazer, porque uma coisa é você ter a música, a outra é você mostrar o que você faz, você se obriga a mostrar.

Você acredita ser uma boa iniciativa da prefeitura municipal e da fundação municipal de cultura, utilizar espaços públicos, como é o caso do "parque ambiental" através de eventos culturais? Por quê? Esse é o tipo de evento que eu mais gosto de música, num espaço gratuito, é um evento muito importante.

O que representa a música para você? Para não dizer que é o mais importante. (Risos)

De 0 a 10, qual a importância da música para você: 9.

Entrevista realizada no dia 28 de julho de 2017.

Nome: Daniel Gnoato.

Idade: 27 anos.

Banda ou grupo musical que faz parte: Todos ou só de hoje? Black Dog.

Quantas vezes tocou no "Sexta às Seis"? Com essa banda toquei uma vez só porque ela é recente. A gente está na ativa aí faz quase um ano.

O que sentiu quando subiu ao palco do "Sexta às Seis" pela primeira vez? Faz muito tempo, toquei acho que em 2009, era lá na Concha ainda, não sei se estou mentindo a data, mas foi por aí, foi com outra banda, uma banda de *hard rock* que eu tocava na época. Foi muito legal, eu era bem mais novo e era diferente, a

gente nunca tinha tocado em palco grande, para tanta gente, então foi uma experiência bem bacana.

Tocar no "Sexta às Seis" foi importante para a banda? Por quê? Claro, eu acho assim, que esse evento é muito legal, é um evento que devia ser seguido de exemplo, claro que tem coisa para melhorar e tals, mas a ideia é muito boa, dá muita oportunidade para bandas que estão surgindo e para gente que já trabalha com música estarem mostrando seus trabalhos. Acho que abrange um grande público, num espaço aberto, então é muito mais fácil disseminar o trabalho.

O que mais lhe agrada no projeto "Sexta às Seis"? (Estrutura, espaço que ocorre, organização, etc). Olha, eu acho que, responder assim de cara eu acho que é a energia da galera, porque a galera que está aqui é a galera que quer escutar a música, não está sei la, como num bar por exemplo, que a música é secundaria, bem no fundinho ali, não, a galera vem aqui para realmente escutar a banda, para confraternizar com os amigos, então, acho que esse ambiente é o que mais me chama atenção.

O que mais lhe desagrada no projeto "Sexta às Seis"? (Estrutura, espaço que ocorre, organização, etc). Como eu falei sempre tem coisa para melhorar, então em questão de som assim, que dava para dar uma melhorada, não é questão de qualidade, mas acho que na verdade não tem muito o que fazer porque como são duas bandas é difícil dar atenção especial para todo mundo, mas daria para dar um pouquinho mais de qualidade na hora de jogar o som para galera, o pessoal aqui é show de bola, a galera que estava trabalhando com a gente aqui, o pessoal do som é 10, só que como são muitas bandas, fica difícil de achar um padrão, eu já vi aqui, banda que eu conheço que é muito legal e o som não estava legal, então as vezes o pessoal que é leigo acaba não entendendo que é o som que não está legal e que não é a banda que está tocando mal.

Possui alguma memória ou experiência vivida durante o "Sexta às Seis" que você gostaria de compartilhar nessa pesquisa? Na minha época, quando eu era mais moleque, a galera se reunia ali na Concha, nessa onda de trocar ideia e tal, essa é uma lembrança que eu tenho bem bacana, porque o pessoal esperava o "Sexta as Seis", esperava para ir lá, então eu acho que essa é a memória que eu tenho.

O edital 002/2017 que fala sobre o processo de seleção das bandas no ano de 2017 "podem se inscrever grupos, conjuntos e bandas ponta-grossenses, de diferentes estilos musicais com, no mínimo, três integrantes". O

que você achou dessa mudança? Eu acho bom. Como é um evento para galera, é um evento da prefeitura, não vejo o porquê escolher só um estilo para tocar, acho bem legal abrir as portas para estilos diferentes, porque se fosse diferente eu não poderia tocar, porque nossa banda mistura pop, *reggae*, *soul*, *funk*, é uma mistura de coisa né, eu acho bem legal a ideia, tem gente que não gosta, mas em fim.

Você acredita ser uma boa iniciativa da prefeitura municipal e da fundação municipal de cultura, utilizar espaços públicos, como é o caso do "parque ambiental" através de eventos culturais? Por quê? Eu acho ótimo, tem que continuar, a galera vem, está frio e tem uma galera aqui, eu acho que daqui para mais, não pode parar nunca isso aí, acho que esse é um exemplo de evento, disseminar para outras cidades porque isso aqui não pode parar não.

O que representa a música para você? Eu já pensei tanto nisso que agora até fico confuso. Eu desde que me conheço por gente gosto de música, comecei a tocar, a querer brincar de tocar cedo, hoje em dia a música é minha vida, porque eu só trabalho com isso ganho dinheiro com isso, me divirto com isso, as vezes a gente cansa né porque é difícil essa vida de músico. (Risos).

De 0 a 10, qual a importância da música para você:10.

Entrevista realizada no dia 04 de agosto de 2017.

Nome: Billy Joy.

Idade: 27 anos.

Banda ou grupo musical que faz parte: Cadillac Dinossauros.

Quantas vezes tocou no "Sexta às Seis"? Boa pergunta. (Risos). É que eu não sou da primeira formação, então eu estou na banda faz 6 anos, desses seis anos a gente tocou quatro vezes, e antes disso rolou algumas vezes, duas ou três vezes no máximo, (totalizando 7 vezes).

O que sentiu quando subiu ao palco do "Sexta às Seis" pela primeira vez? Particularmente é uma realização pessoal, desde que você começa a se interessar por música, desde que você começa a querer aprender a tocar um instrumento, você já imagina quando você vai tocar, e o "Sexta às Seis" ele é um palco legal, numa cena local, que tem tradição já de anos, então foi uma realização pessoal, era algo que eu só participava, que só ouvia falar, quando comecei a ter idade para poder frequentar eu ia e curtia, enfim, uma realização pessoal.

Tocar no “Sexta às Seis” foi importante para a banda? Por quê? Sempre, porque o “ Sexta às Seis” com essa tradição reúne pessoas de todas as vilas, de todas as quebradas, de todos os bairros, e é uma oportunidade de você fazer o teu nome na cena local e de uma forma bem expansiva porque a gente toca em bar, a gente toca em festival, toca nisso e toca naquilo e não é todo público que tem condições de ter esse acesso e o “Sexta às Seis” dá esse acesso, é diversificado o público que você pode conquistar.

O que mais lhe agrada no projeto “Sexta às Seis”? (Estrutura, espaço que ocorre, organização, etc). Eu acho que a ideia do público, o que eu mais vejo de positivo é a expansão do “Sexta as Seis”, onde ele chegou entendeu? Curto a recepção do público, porque às vezes as bandas tocam num bar, tocam em outro lugar e cada lugar é um público e nem sempre é fácil você conquistar esse público, o “Sexta às Seis” é uma coisa unanime, uma coisa aberta, tipo assim, as pessoas estão aqui e vão gostar do que vão ouvir, a não ser que a banda seja muito ruim.

O que mais lhe desagrada no projeto “Sexta às Seis”? (Estrutura, espaço que ocorre, organização, etc). O relaxo da galera, deixar todo lixo no chão, tenho visto muita sujeira nos últimos eventos, isso é inadmissível, o que me desagrada é a falta de consciência do público e as vezes a empatia. Às vezes a galera fica lá no fundo, não vem para frente do palco, mas isso é uma percepção mais de músico.

Possui alguma memória ou experiência vivida durante o “Sexta às Seis” que você gostaria de compartilhar nessa pesquisa? São bastante coisas, eu lembro a primeira vez que eu fui no “Sexta às Seis”, era lá na praça barão do rio Branco, e era o show do Raimundos se não me engano, e eu vi aquela galera toda enlouquecida, jogadas nas árvores e tal, e achava aquilo ali muito engraçado. Eu não bebia naquela época, me marcou isso a questão da galera está aberta ali ao som que estava acontecendo e ser receptiva.

O edital 002/2017 que fala sobre o processo de seleção das bandas no ano de 2017 “podem se inscrever grupos, conjuntos e bandas ponta-grossenses, de diferentes estilos musicais com, no mínimo, três integrantes”. O que você achou dessa mudança? Eu já passei da época que fui radical e era contra essas coisas, eu acho que tem que abranger mesmo, tem que aprender a conviver com o próximo, então nada melhor que reunir todas as tribos, fazer uma relação legal. Claro também tem outra questão que é a qualidade desses trabalhos, não pode virar uma coisa apelativa, uma coisa pastel, uma coisa de baixo nível cultural, tem que ser

uma coisa bem selecionada, com um critério legal e bem claro e bandas que realmente mereçam estar aqui, porque o presente é para o público. Sou a favor, mas deve haver uma seleção boa.

Você acredita ser uma boa iniciativa da prefeitura municipal e da fundação municipal de cultura, utilizar espaços públicos, como é o caso do "parque ambiental" através de eventos culturais? Por quê? Eu acho ótimo porque às vezes a gente tem tanto lugar legal na cidade que poderia estar sendo de usufruto da população e não acontece, claro tem que usar mesmo os espaços públicos, mas tem que usar com consciência com estrutura, a própria gestão da Fundação de cultura está muito legal este ano, eles fizeram uma coisa linda e histórica em Ponta Grossa, e o "Sexta às Seis" tem crescido, voltou a ter força, então eu acho legal.

O que representa a música para você? A música é minha religião, é meu deus, é tudo não tem explicação, é minha vida, faz dez anos já que eu dedico minha vida exclusivamente para música, tenho formação em outra área, mas vivo para a música.

De 0 a 10, qual a importância da música para você: É 11, não tem como numerar isso aí.

Entrevista realizada no dia 04 de agosto de 2017.

Nome: Eduardo Moraes.

Idade: 34 anos.

Banda ou grupo musical que faz parte: guitarrista da banda Fire Hunter.

Quantas vezes tocou no "Sexta às Seis"? Várias vezes, nem lembro de quantas vezes, mas perto de umas 10 vezes.

O que sentiu quando subiu ao palco do "Sexta às Seis" pela primeira vez? A primeira vez é sempre a mais legal né, subimos no palco e vemos a galera, o som normalmente é bacana, melhor que a banda está acostumada, a gente sente alegria de estar junto com a galera fazendo *metal*.

Tocar no "Sexta às Seis" foi importante para a banda? Por quê? É importante porque abre um espaço para pessoas que não são habituadas com o *heavy metal*, então é bem bacana ter um espaço aberto onde pessoas que não são do estilo podem vir e acabar conhecendo, então sempre é bom.

O que mais lhe agrada no projeto “Sexta às Seis”? (Estrutura, espaço que ocorre, organização, etc). A possibilidade de estar com uma galera que a gente não vê sempre nos shows e nos últimos “Sexta às Seis”, o som e a estrutura estão bem melhores, há uma preocupação com a parte profissional, da parte do som que acaba agradando bastante todas as bandas.

O que mais lhe desagrada no projeto “Sexta às Seis”? (Estrutura, espaço que ocorre, organização, etc). Eu acho que poderia abrir mais, talvez ser uma edição maior, ou ter um acompanhamento por parte da Prefeitura com as bandas para sustentar, tem muito musico de qualidade na casa, que não consegue essa oportunidade, pessoas que não sabem como fazer para as coisas acontecerem, eu acho que é o melhor espaço que a cidade tem para essa abertura.

Possui alguma memória ou experiência vivida durante o “Sexta às Seis” que você gostaria de compartilhar nessa pesquisa? Na verdade, é assim, a gente vem e toca e sempre gosta, porque o público está aqui, uma lembrança especifica eu não tenho. Ah! Teve uma vez que a gente tocou, a segunda vez que a gente tocou, que tiramos uma foto e vendeu um dvd autografado da banda na época e o rapaz chegou agora assim, grande de barba já, era um piazinho, tinha uns dez anos e agora com uns vinte e poucos anos e o cara "Olha, tenho essa foto com vocês" essa acho que foi a lembrança mais bacana.

O edital 002/2017 que fala sobre o processo de seleção das bandas no ano de 2017 “podem se inscrever grupos, conjuntos e bandas ponta-grossenses, de diferentes estilos musicais com, no mínimo, três integrantes”. O que você achou dessa mudança? Eu acho importante porque a cidade não vive só do *rock*, músicos tem de todos os estilos e acho que todos precisam de espaço, o *rock* é mais carente, mas também por ele ser mais carente e ter muitas bandas, as bandas acabam aproveitando esse espaço então a gente vê que a edição tem maior número de bandas de *rock* do que de outros estilos, mas eu acho importante abrir para quem quiser tocar, sendo musico está aberto.

Você acredita ser uma boa iniciativa da prefeitura municipal e da fundação municipal de cultura, utilizar espaços públicos, como é o caso do “parque ambiental” através de eventos culturais? Por quê? Sim porque notamos que é um espaço bastante usado, tem o Parque Ambiental, a Estação Saudade, são espaços grandes que podem receber uma estrutura e não vinha acontecendo tanto antigamente, então eu acho que o “Sexta às Seis” proporciona isso e tem que fazer

mesmo, porque o povo vem aqui e não dá briga, todo mundo se diverte, e a cultura tem que está aberta para quem quiser usufruir dela, quem quiser curtir, ela é fundamental.

O que representa a música para você? Não digo só por mim, mas pela banda inteira, ela faz a gente ser o que é hoje, nossas famílias, pois acabamos conhecendo as nossas namoradas e depois viraram nossas esposas e depois vieram os filhos enquanto tínhamos a banda, então sempre fez parte, eu acho que se tirasse a música de mim, acabaria o Eduardo.

De 0 a 10, qual a importância da música para você:1000.

Entrevista realizada no dia 04 de agosto de 2017.

Nome: Gabriel João.

Idade: 20 anos.

Banda ou grupo musical que faz parte: Underfallen.

Quantas vezes tocou no "Sexta às Seis"? Uma vez, essa é a primeira vez.

O que sentiu quando subiu ao palco do "Sexta às Seis" pela primeira vez? Foi massa pra caramba! O público abraça a gente de uma forma maravilhosa. No início a gente fica com um pouquinho de medo, ainda mais na primeira apresentação, a gente não vai tão confiante, mas o pessoal te abraça muito bem.

Tocar no "Sexta às Seis" foi importante para a banda? Por quê? Olha digamos em termo de divulgação na cidade, é uma área de evento *free* que temos aqui dentro de Ponta Grossa, o pessoal vem aqui às vezes conversar e tal, escuta outras bandas e acaba gostando do som e isso ajuda na divulgação, ajuda a fazer a banda crescer aí fora e seguir o sonho que cada um tem.

O que mais lhe agrada no projeto "Sexta às Seis"? (Estrutura, espaço que ocorre, organização, etc). Vou ter que falar de novo, o público, acabamos de tocar, eu saí com o sangue fervendo, é um abraço coletivo muito forte, o público em geral faz valer a pena.

O que mais lhe desagrada no projeto "Sexta às Seis"? (Estrutura, espaço que ocorre, organização, etc). Isso é algo meu, eu não gosto de estar tocando e ver o público meio parado, dá a impressão que a gente não está dando algo de qualidade, aí dá meio que uma desanimada, mas a gente não vai conseguir agradar a todos, mas faz parte.

Possui alguma memória ou experiência vivida durante o "Sexta às Seis" que você gostaria de compartilhar nessa pesquisa? Eu participei umas 3 vezes em apresentações de amigos, fui na Fire Hunter que eu achei do caralho, e da banda que nosso baixista toca também que foi bem bacana.

O edital 002/2017 que fala sobre o processo de seleção das bandas no ano de 2017 "podem se inscrever grupos, conjuntos e bandas ponta-grossenses, de diferentes estilos musicais com, no mínimo, três integrantes". O que você achou dessa mudança? Olha tem os dois lados, as pessoas que eu convivo não gostaram, porque o "Sexta às Seis" estava identificado como um evento de *rock* e começou a aparecer outros estilos, e o pessoal vê o "Sexta às Seis" como um tipo de Rock in Rio. Mas é um festival de música, não tem essa de ter um gênero específico, é o certo abrir para outros estilos.

Você acredita ser uma boa iniciativa da prefeitura municipal e da fundação municipal de cultura, utilizar espaços públicos, como é o caso do "parque ambiental" através de eventos culturais? Por quê? Com certeza, um exemplo aqui na praça, é um lugar acessível para todo mundo, ao lado do terminal, isso faz gerar mais movimento, isso é bom, faz as pessoas saírem mais de casa, eu vejo como algo interessante para cidade, que o movimento faz a cidade ficar mais viva e quem que não quer uma cidade mais via né?

O que representa a música para você? Eu nunca tive esse sonho de ser musico, eu quis ser bombeiro, coisa da minha família, meu pai é bombeiro, meu vô é bombeiro, sempre tive esse sonho, até hoje tenho, mas conforme eu fui crescendo eu fui me identificando mais, eu sempre gostei de música desde pequeno, mas nunca pensei que queria fazer isso pra minha vida, conforme eu fui prestando mais atenção no que os músicos faziam, foi me chamando a atenção, aquela energia do público, dá uma euforia, uma alegria, de se colocar no lugar da pessoa, pensar que essas pessoas (músicos) estão tentando se imortalizar, porque estão passando para um público algo que eles criaram, acho que é o mais bonito na música.

De 0 a 10, qual a importância da música para você: 10 com certeza.

APÊNDICE A6- Questionário aplicado na pesquisa com o público participante.

1. Nome
2. Sexo
a) Homem
b) Mulher
c) Outros
3. Idade
4. Classe social
a) Desempregado
b) De zero a mil reais
c) De mil a dez mil reais
d) Mais de dez mil reais
e) Outros
5. Bairro
6. Profissão
7. A quanto tempo participa do "Sexta às Seis"?
8. O que mais lhe agrada no evento?
9. O que mais lhe desagrada no evento?
10. Você acredita ser uma boa iniciativa da Prefeitura e da Fundação Municipal de Cultura manter o "Sexta às Seis" por todos esses anos? Por quê?
11. O edital 002/2017 diz que pode se inscrever bandas de qualquer estilo musical, o que você achou dessa mudança?
12. Por quais motivos vai ao "Sexta às Seis"?
a) Encontrar os amigos
b) Por causa da música
c) Por ser um evento gratuito
d) Por que gosta do local (Complexo Ambiental Governador Manoel Ribas) onde ocorre o evento.
e) Outros motivos
13. Você acha importante a Prefeitura incentivar a cultura através de eventos musicais em espaços públicos e gratuitos? Por quê?
14. Você gosta do local (Complexo Ambiental Governador Manoel Ribas) onde ocorrem os shows? Por quê?

15. Possui alguma memória de um fato ou de alguma experiência que vivenciou durante o "Sexta às Seis" que marcou para você? Gostaria de compartilhar nessa pesquisa?

16. Em uma escala de 0 a 10, quanto é importante a música para você?

a)0- Não é importante

b)0 a 5- importante

c)5 a 10- muito importante

APÊNDICE A7- Tabela 1: Cronograma de ordem de apresentação das bandas/grupos musicais em 2017 e de participação nas entrevistas.

Banda/Grupo Musical	Data de Apresentação
Apologia Sul	24 de março de 2017
Oliveira Neto e Galdérios do Paraná	24 de março de 2017
Wander Wildner	24 de março de 2017
Mixturô	31 de março de 2017
Aquarela Som	31 de março de 2017
Guilherme Santos	5 de maio de 2017
Garimpeiros da Lua	5 de maio de 2017
Camargo e os Bacanas	5 de maio de 2017
Lamalaika	12 de maio de 2017
Jamp	12 de maio de 2017
João D'Barros	12 de maio de 2017
Flap Jack	2 de junho de 2017
Big Fish Blues	2 de junho de 2017
Faixa 5	9 de junho de 2017
Mocken Raggae	9 de junho de 2017
Format Factory	30 de junho de 2017
Maiden Rules	30 de junho de 2017
Blues na Estrada	7 de julho de 2017
Asteroids	7 de julho de 2017
Índigo	7 de julho de 2017
Holy Harlot	14 de julho de 2017
2 Tunes Down	14 de julho de 2017
J-Rod	14 de julho de 2017
Black Dog	28 de julho de 2017
Mantrio	28 de julho de 2017
Underfallen	04 de agosto de 2017
Fire Hunter	04 de agosto de 2017
Maledita	01 de setembro de 2017
Dialeto Fino	01 de setembro de 2017
Trio de Carvalho	22 de setembro de 2017
Bitch Box	22 de setembro de 2017
Banda Vamo!	24 de novembro de 2017
Zero Pulso	24 de novembro de 2017
Trovadores celtas	24 de novembro de 2017
A Coisa	Edição de 2016
Buckaroo Banzai	Edição de 2016
Cadillac Dinossauros	Edição de 2016
Lula's Bitucas	Edição de 2016

Elaborado por: Andrade, 2017.

	LEGENDA
	Músico convidado
	Músicos entrevistados
	Músicos não entrevistados
	Músicos entrevistados, participantes da edição de 2016.

ANEXOS

ANEXO 1- Figura 4: Cronograma da ordem de apresentações das bandas e grupos musicais no "Sexta às Seis" no ano de 2017.

Fonte: Fundação Municipal de Cultura, 2017.